



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
CURSO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

Jefferson Nathan da Silva Sales

**Os Efeitos Socioculturais dos Neologismos na Comunicação em Plataformas
Digitais do Alto Oeste potiguar**

PAU DOS FERROS

2025

Jefferson Nathan da Silva Sales

**Os Efeitos Socioculturais dos Neologismos na Comunicação em Plataformas
Digitais do Alto Oeste Potiguar**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido *Campus* Pau dos Ferros como requisito para obtenção do título de Bacharel em Interdisciplinar em Ciências e Tecnologia.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Mara Maia Bessa.

PAU DOS FERROS

2025

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

S163e Sales, Jefferson Nathan da Silva.
Os efeitos socioculturais dos neologismos na
comunicação em plataformas digitais do alto oeste
potiguar / Jefferson Nathan da Silva Sales. -
2025.
74 f. : il.

Orientador: Aline Mara Maia Bessa.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de , 2025.

1. neologismo. 2. alto oeste. 3. comunicação.
4. redes sociais. I. Bessa, Aline Mara Maia,
orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Pau dos Ferros
Bibliotecária: Erlanda Maria Lopes da Silva
CRB: 15/966

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

Jefferson Nathan da Silva Sales

**Os Efeitos Socioculturais dos Neologismos na Comunicação em Plataformas
Digitais do Alto Oeste Potiguar**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido *Campus* Pau dos Ferros como requisito para obtenção do título de Bacharel em Interdisciplinar em Ciências e Tecnologia.

Defendida em: 04 de agosto de 2025

BANCA EXAMINADORA

Aline Mara Maia Bessa, Profa. Dra. (UFERSA)
Presidente

Kyteria Sabina Lopes de Figueredo, Profa. Dra. (UFERSA)
Membro Examinador

Sharon Dantas da Cunha, Prof. Dr. (UFERSA)
Membro Examinador

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os efeitos socioculturais dos neologismos na comunicação digital entre jovens da região do Alto Oeste Potiguar. Embora a linguagem digital seja amplamente estudada em grandes centros urbanos, observa-se uma escassez de pesquisas voltadas para contextos interioranos. Diante dessa lacuna, a investigação concentra-se nas plataformas Instagram, Facebook, TikTok e Twitter, buscando compreender como os neologismos emergem, se disseminam e se legitimam como marcadores identitários e instrumentos de pertencimento sociocultural. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, de caráter exploratório e descritivo, visando captar os sentidos atribuídos às práticas linguísticas cotidianas em ambientes digitais. O corpus será composto por postagens, comentários, memes e hashtags autênticas, produzidas por usuários locais dessas redes sociais. Os resultados sugerem que os neologismos vão além da criatividade comunicativa, refletindo processos de hibridização cultural e construção simbólica em territórios digitais periféricos. Conclui-se que a linguagem digital funciona como um espaço dinâmico de produção de sentidos e afirmação identitária entre os jovens da região estudada.

Palavras-chave: neologismo; alto oeste; comunicação; redes sociais

ABSTRACT

This work aims to analyze the socio-cultural effects of neologisms in digital communication among young people in the Alto Oeste Potiguar region. Although digital language is widely studied in large urban centers, there is a noticeable lack of research focused on rural contexts. In light of this gap, the investigation focuses on the platforms Instagram, Facebook, TikTok, and Twitter, seeking to understand how neologisms emerge, disseminate, and become legitimized as identity markers and instruments of socio-cultural belonging. The research adopts a qualitative and interpretative approach, exploratory and descriptive in nature, aiming to capture the meanings attributed to everyday linguistic practices in digital environments. The corpus will consist of authentic posts, comments, memes, and hashtags produced by local users of these social networks. The results suggest that neologisms go beyond communicative creativity, reflecting processes of cultural hybridization and symbolic construction in peripheral digital territories. It is concluded that digital language functions as a dynamic space for the production of meanings and identity affirmation among the youth of the studied region.

Keywords: neologism; high west; communication; social networks

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Rio Grande do Norte, com delimitações de microrregiões como Alto Oeste.....	38
Figura 2 – Fluxograma com o passo a passo da pesquisa	49
Figura 3 – Imagem extraída do Instagram @escritaescarlarte, que mostra o termo “sabadar”	52
Figura 4 – Imagem extraída do Twitter @webdivonettinho, que mostra o termo “plenissimo”	53
Figura 5 – Imagem extraída do Tiktok @tea40391, que mostra o termo “gatilhos” ...	55
Figura 6 – Imagem extraída do Tiktok @isabellaamcd_, que mostra o termo “desmantelo”	56
Figura 7 – Imagem extraída do Twitter @neologismo, compartilhada pela página do facebook Misericórdia, preciso de um meme em outubro que mostra o termo “good vibes”	57
Figura 8 – Imagem extraída do Instagram @martins.futt, que mostra o verbo “rotear”	59
Figura 9 – Imagem extraída do Facebook Resenha Cristã, que mostra o verbo “moscar”	60
Figura 10 – Imagem extraída do Facebook Sincero Oficial, que mostra o termo “contatinhos”	62
Figura 11 – Imagem extraída do Facebook Dicionário Popular, que mostra o termo “stalkear”	63
Figura 12 – Imagem extraída do Facebook Meu Fechamento é Vc Moção, que mostra os termos “fechamento” e “moção”	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Web	World Wide Web
COVID-19	Corona Virus Disease 2019
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVOS.....	11
2.1 Objetivo geral.....	11
2.2 Objetivos específicos.....	11
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	12
3.1 Conceito de linguagem no ambiente virtual.....	12
3.2 Conceito de neologismo	17
3.4 Conceito de cultura	25
3.5 Conceito de comunicação humana.....	29
3.6 Conceito de plataformas digitais.....	33
3.7 Conceito de Alto Oeste Potiguar	37
3.8 Conceito de impactos socioculturais.....	42
4 METODOLOGIA.....	48
5 RESULTADOS E DISCURSÃO DE DADOS	51
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS.....	68

1 INTRODUÇÃO

No contexto atual, marcado pelo uso intenso das tecnologias de comunicação, a linguagem está em constante transformação, especialmente quando colocada em ambientes digitais. Isso é confirmado por Crystal (2006) ao relatar que a internet promove novas formas de interação e exige adaptações linguísticas rápidas e criativas, resultando em um vocabulário em constante renovação. Essa produção lexical, segundo o autor, revela aspectos identitários dos sujeitos, especialmente em comunidades locais que re-interpretam e adaptam a linguagem segundo suas vivências regionais.

Eisenstein, O'Connor, Smith e Xing (2014), afirmam que as plataformas digitais, em especial as redes sociais como o Twitter, constituem ambientes privilegiados para o surgimento e disseminação de novos termos, pois a comunicação mediada por computador favorece a criação de neologismos e sua rápida circulação social. Como observa Carvalho (2022), “a criação de novas palavras é algo bastante presente nas interações dos brasileiros na web, principalmente nas redes sociais Facebook e Instagram” (Carvalho 2022, p. 116). Assim, pode-se afirmar com base nos autores que o ambiente virtual não apenas reproduz estruturas linguísticas, mas promove novas formas de expressão que ressignificam o cotidiano das comunidades.

No caso do Alto Oeste Potiguar, que, segundo Silva (2012) apresenta variações linguísticas marcantes que a distinguem dentro do cenário potiguar. Embora existam diversos estudos sobre neologismos em diferentes espaços e contextos, poucos se concentram sobre as manifestações linguísticas originadas em regiões interioranas, como é o caso desta. No Alto Oeste Potiguar, os neologismos expressam criatividade linguística e afirmam a identidade local, reforçando laços e valores regionais, sendo também chave para entender a relação entre linguagem e processos socioculturais. Este recorte regional, portanto, confere à pesquisa uma relevância social, cultural e acadêmica que a diferencia de estudos anteriores mais generalistas.

Conforme Siqueira e Coelho (2017), a criação de neologismos está diretamente relacionada à necessidade de nomear novas práticas, objetos e fenômenos que surgem no cenário digital, eles nas redes sociais não apenas cumprem uma função comunicativa, mas também revelam dinâmicas de inclusão e exclusão sociolinguística. Esses termos fortalecem o sentimento de pertencimento

entre falantes, mas também criam barreiras para quem não os conhece, algo marcante em regiões com forte identidade local como o Alto Oeste Potiguar.

Nesse contexto, “a criação de palavras por empréstimos atualmente traz consigo uma gama infindável de questões que perpassam, de alguma maneira, outras tantas questões de ordem social, política, linguística, cultural” (Siqueira; Coelho, 2017, p. 140), citação essa, que evidencia como esses processos refletem aspectos mais amplos da sociedade contemporânea.

Do ponto de vista sociocultural, Silva (2023) afirma que os neologismos surgidos em ambientes digitais ultrapassam a esfera da linguagem e impactam diretamente os modos como os sujeitos se percebem e se posicionam no mundo. Alinhado com esse ponto de vista, estudos como os de Koch (2010) e Castells (2002), indicam que a linguagem é elemento estruturante das práticas sociais, e a comunicação digital representa hoje um campo fértil para a articulação de novas formas de sociabilidade. Essa concepção reforça a ideia de que o léxico é profundamente sociocultural, como apontam Balestero, Clempi e Costa (2020):

Por isso, dizemos que o léxico tem um caráter sociocultural, pois é na/pela sociedade que as atividades linguísticas vão se concretizar e é no léxico que as visões de mundo são materializadas. Se a sociedade está em constante movimento, a língua também está, portanto, novas palavras são frequentemente inseridas no sistema linguístico. (Balestero; Clempi; Costa, 2020, p. 84)

Diante disso, torna-se relevante investigar como os neologismos veiculados em plataformas digitais contribuem para configurações e reconfigurações culturais, especialmente em contextos regionais ainda pouco explorados academicamente. Neste cenário, a presente monografia tem como objetivo geral investigar os efeitos socioculturais dos neologismos na comunicação em plataformas digitais do Alto Oeste Potiguar. Especificamente, pretende-se: identificar e categorizar os neologismos mais recorrentes; analisar seus usos e significados sociais; e discutir os impactos socioculturais que tais construções lexicais promovem na dinâmica comunicacional local.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Investigar os efeitos socioculturais dos neologismos na comunicação digital de jovens do Alto oeste Potiguar, a partir da análise de interações em plataformas como Instagram, TikTok, Facebook e Twitter.

2.2 Objetivos específicos

1. Identificar e coletar neologismos utilizando postagem, memes e hashtags de jovens da região em plataformas digitais.
2. Classificar os neologismos segundo critérios morfológicos, semânticos e de origem lexical, com base em categorias como empréstimos, gírias e neologismos híbridos
3. Analisar os sentidos sociais e identitários atribuídos a esses neologismos nas interações digitais, observando sua relação com pertencimento, diferenciação e performance cultural.
4. Discutir os impactos socioculturais dessa prática lexicais na construção simbólica das identidades regionais em ambientes digitais periféricos.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 Conceito de linguagem no ambiente virtual

Atualmente, segundo Valadares e Moura (2016), a linguagem digital é compreendida como uma prática social situacional, adaptável aos diversos contextos comunicacionais do ambiente virtual. Diferentemente de visões anteriores, que a consideravam de forma pejorativa ou restrita, reconhece-se hoje seu dinamismo e complexidade, conforme ressalta Eisenkraemer (2006), ao enfatizar que o “internetês” não é um desvio, mas uma adaptação funcional à realidade comunicacional contemporânea. Nesse cenário, os usuários da internet desenvolvem formas de escrita, como abreviações, uso criativo de pontuação e emojis, que se aproximam da oralidade, onde escrita digital simula a fala, trazendo elementos típicos da oralidade para a escrita e simplificando elementos gráficos, criando um estilo dinâmico e eficiente para a comunicação digital (Eisenkraemer, 2006; Gonçalves da Silva e Patriota, 2021; Brito, 2022). De acordo com Araújo (2007), esse tipo de escrita, frequentemente chamado de “internetês”, representa uma modalidade funcional da língua, que responde simultaneamente à necessidade de agilidade na comunicação e na economia linguística nas trocas rápidas em plataformas como Facebook e WhatsApp, sem configurar um desvio da norma, mas um estilo de escrita funcional da cultura digital.

Valadares e Moura (2016) interpretam esse fenômeno sob uma perspectiva sociolinguística, segundo a qual a língua não é um sistema fechado e uniforme, mas uma prática viva e heterogênea, influenciada por fatores sociais como idade, gênero, classe, cultura e localização geográfica. Nessa abordagem, as redes sociais são compreendidas como espaços propícios à criação e à disseminação de neologismos de caráter gírio, ou seja, termos e expressões informais, marcados por identidades sociais específicas. A partir da Teoria da Variação Linguística, proposta por Labov (1973), os autores mostram que esses neologismos constituem um conjunto lexical legítimo, com padrões próprios de criação e circulação, distintos da norma padrão. Eles analisam gírias novas, derivadas ou adaptadas, e identificam critérios de uso recorrentes – como adesão a grupos e construção identitária – que legitimam essas unidades como componentes dinâmicos da linguagem digital. Valadares e Moura (2016) afirmam que tais gírias incluem expressões como *crush*, entendida como

interesse amoroso; lacrou, no sentido de se destacar ou arrasar; flopar, que significa fracassar; cancelar, usado para indicar a exclusão social de alguém por comportamentos considerados inaceitáveis; e mood, relacionado ao estado de espírito ou identificação emocional. Segundo os autores, embora essas expressões não integrem a norma culta, elas seguem padrões sistemáticos de formação e uso dentro das comunidades digitais, funcionando como marcadores sociais e identitários. Ainda segundo os autores a circulação desses termos se dá conforme sua aceitação em grupos específicos, refletindo práticas linguísticas legítimas. Nesse sentido, conforme Labov (1973), a variação linguística observada na internet não representa erro, mas sim uma forma de expressão social e contextual, relacionada aos vínculos de grupo e às dinâmicas comunicacionais do meio digital.

Nesse mesmo sentido, o estudo de Gonçalves da Silva e Patriota (2021), que parte de autores como Galli e Marcuschi, destaca que o vocabulário no ambiente digital é fundamental para a interação virtual. A pesquisa dos autores reforça que o domínio dessas gírias não é superficial, a compreensão delas é crucial para a eficácia comunicativa em ambientes online, que segundo Lévy (1999), é um espaço virtual de interação e troca de informações mediado por computadores interconectados em rede. Os autores Gonçalves da Silva e Patriota (2021) afirmam sobre a capacidade de compreender a linguagem verbal: “para que a interação ocorra e a comunicação aconteça sem falhas, como sabemos, é necessário que existam alguns elementos, como o entendimento do código linguístico entre os interlocutores” (Gonçalves da Silva e Patriota, 2021, p.68). Isso reforça a ideia de que a linguagem digital não é apenas performativa, ou seja, que produz ações ou efeitos concretos no mundo, mas também operacional, formando sentidos conforme os usos específicos das plataformas (Gonçalves da Silva e Patriota, 2021).

Eisenkraemer (2006) afirma que, diante do cenário digital contemporâneo, alguns aspectos são centrais para compreender a linguagem digital como prática social, entre eles a agilidade, a eficiência e a informalidade. Um dos mais evidentes, segundo a autora, é o hibridismo entre oralidade e escrita, isto é, a mescla de traços da fala e da escrita para atender à rapidez e espontaneidade que caracterizam as interações online. A autora ressalta que essa fusão constitui uma característica marcante da comunicação em ambientes digitais. Nesse sentido, Eisenkraemer (2006) destaca que a comunicação realizada em redes sociais, aplicativos de mensagens e outras plataformas digitais exige formas expressivas ágeis, eficientes e,

muitas vezes, informais. Segundo a autora, essa nova modalidade textual incorpora abreviações, siglas, códigos, emojis e símbolos que funcionam como marcas da oralidade adaptada à escrita. Esses elementos não apenas conferem velocidade, ou seja, rapidez na comunicação, e economia linguística, que é o uso reduzido e eficiente de palavras para transmitir a mensagem, mas também introduzem nuances de entonação, emoção e intenção comunicativa, características da prosódia, que envolve aspectos da fala como entonação, ritmo e intensidade; essas nuances, na comunicação presencial, seriam transmitidas por meio da prosódia, gestos ou expressões faciais.

Essa linguagem cifrada, como a autora denomina, torna-se um código compartilhado entre os interlocutores, sendo compreendida plenamente apenas por quem está inserido no contexto digital específico (Eisenkraemer, 2006). Como evidenciado por ela “Diz-se cifrada uma linguagem com caracteres de convenção ou convenções de linguagem compreensíveis unicamente pelos indiciados” (Eisenkraemer, 2006, p.13). Isso, segundo a autora, reforça a ideia de que, mais do que uma distorção da norma culta, que é o padrão formal da língua, valorizado em contextos educacionais e formais, o “internetês” representa uma adaptação funcional à realidade comunicacional contemporânea, esse hibridismo evidencia que a linguagem digital, longe de ser aleatória ou “menos correta”, é regulada por regras próprias e pautada por fatores como o meio, a intenção comunicativa, a relação entre os interlocutores e a cultura digital na qual estão inseridos. Assim, o que pode parecer informal ou inadequado em contextos escolares ou formais, se revela altamente funcional e eficaz dentro das plataformas digitais, nas quais o tempo, o humor e a afetividade se tornam variáveis cruciais para o sucesso comunicacional (Eisenkraemer, 2006).

Brito (2022) observa que um aspecto central da linguagem digital é a criação lexical contextualizada, entendida como o processo de formação de novas palavras a partir do contexto social, cultural e tecnológico no qual os sujeitos estão inseridos, essa criação lexical visa nomear realidades e práticas novas ou transformadas, sendo resultado direto das exigências comunicativas que emergem nos ambientes digitais. A criação de neologismos demonstra que a linguagem digital é dinâmica, flexível e sensível às transformações tecnológicas e culturais da sociedade contemporânea (Brito, 2022). A autora exemplifica esse fenômeno com o uso do verbo “biscoitar”, empregado nas redes sociais para designar o ato de buscar elogios ou validação por

meio de postagens e selfies, prática recorrente nas interações mediadas por plataformas digitais.

Além disso, Brito (2022) explica que esse processo de criação lexical não ocorre de maneira aleatória ou desordenada, mas segue padrões estruturais descritos pela morfologia¹ da língua. Esses padrões incluem processos como a derivação, que consiste na adição de afixos, como em “cancelamento”; a composição, representada pela junção de vocábulos, como “webnamoro”; e o empréstimo lexical de outras línguas, sobretudo do inglês, origem de termos como “printar” (de print) e “stalkear” (de stalk). (Brito, 2022).

Nesse sentido, Basílio (1987) destaca que a linguagem opera com duas funções fundamentais: a formação de palavras e a formação de enunciados. Enquanto a criação de palavras pode ter uma função intelectual, que organiza mentalmente os conceitos, na comunicação, elas adquirem sentido dentro da mensagem, que se estrutura justamente a partir dessas palavras. Como explica o autor:

[...] temos duas funções básicas no jogo da comunicação linguística: a formação de palavras e a formação de enunciados. A formação de palavras pode ter uma função exclusivamente cognitiva, como categorização. Mas, e termo de comunicação, a palavra se forma em função do enunciado. Este, por sua vez, tem nas palavras a substância em que se estrutura (Basílio, 1987, p.80).

Essa reflexão reforça que os neologismos digitais não apenas criam categorias cognitivas para novas práticas, mas também cumprem uma função comunicativa essencial, surgindo diretamente de contextos enunciativos reais e socialmente situados (Basílio, 1987).

Essas formações refletem não apenas a influência global da língua inglesa, mas também a criatividade dos falantes ao adaptar os empréstimos ao sistema morfossintático do português, expandindo continuamente as possibilidades expressivas da língua no espaço digital. (Brito, 2022).

No entanto, Valadares e Moura (2016) destacam que, para que os elementos característicos do “internetês”, como neologismos, abreviações e gírias digitais se consolidem como parte do vocabulário digital, não basta apenas sua criação

¹ A morfologia é o ramo da linguística que estuda a estrutura, formação e classificação das palavras, analisando processos como derivação, composição e flexão, conforme definição de Rocha Lima (2011).

espontânea, é necessário que esses elementos circulem, sejam compreendidos e aceitos socialmente nas comunidades virtuais.

A partir de uma análise realizada por Brito (2022), com base em dados coletados durante a pandemia da COVID-19 em redes como Twitter, WhatsApp e Instagram, observou-se que muitos neologismos, como “quarentenar”, “coronacrise” e “covidão”, tiveram rápida difusão e legitimação nas comunidades virtuais antes mesmo de aparecer em recursos lexicográficos oficiais. Isso ocorreu justamente porque esses termos respondiam a uma demanda social concreta: nomear sentimentos, comportamentos e fatos novos relacionados à experiência coletiva da pandemia.

Um exemplo disso é o uso ampliado da palavra “quarentena”, que passou a indicar um isolamento de 10 a 14 dias, e não mais, necessariamente, o período de 40 dias que o termo originalmente designava. Como observa a autora:

Todas as vezes que as pessoas apareciam com sintomas de covid-19 elas precisavam ficar de “quarentena” para evitar contágio, sinônimo de isolamento. Não é uma construção nova, mas não é uma quarentena de quarenta dias e sim de até quatorze dias (Brito, 2022, p. 46).

Esse exemplo, de acordo com Brito (2022), demonstra que, além da criação de novas palavras, a linguagem digital também ressignifica termos já existentes, ajustando seu significado às necessidades emergentes da comunicação social.

O processo de consolidação lexical no ambiente digital refere-se ao percurso pelo qual palavras ou expressões novas ganham legitimidade, uso recorrente e fixação semântica, sendo incorporadas ao repertório linguístico coletivo, mesmo que fora das normas tradicionais da língua. Esse processo ocorre por meio de múltiplas etapas sociais e comunicativas. Com base nos estudos já citados, Brito (2022), Valadares e Moura (2016) e Gonçalves da Silva e Patriota (2021), esse percurso pode ser resumido em quatro fases:

1. Criação lexical contextualizada – inventa-se uma forma para nomear algo emergente, seja uma palavra inédita, um empréstimo estrangeiro ou a reinterpretação de um termo já existente.
2. Circulação ativa – o termo é utilizado em interações digitais, como postagens, hashtags, memes e comentários, tornando-se reconhecível e repetido em contextos diversos.

3. Validação comunitária – por meio de curtidas, compartilhamentos, retweets e adoção por diferentes grupos, o termo passa a ser socialmente aceito e incorporado à linguagem cotidiana online.

4. Legitimação funcional – o neologismo ou a reinterpretação passa a cumprir uma função comunicativa estável e reconhecida, podendo até ser incorporado a registros lexicográficos formais.

Dessa forma, a norma linguística no ambiente digital é sustentada não apenas por produções formais, como dicionários, mas, principalmente, pela interação social e pelos usos recorrentes nas comunidades virtuais (Brito, 2022). Nessas esferas, os próprios usuários atuam como agentes normativos informais, legitimando ou descartando termos com base em sua funcionalidade comunicativa e pertinência ao contexto coletivo (Valadares e Moura, 2016).

Diante de todos esses aspectos, é possível afirmar que a linguagem digital não constitui uma ameaça à norma culta, mas sim uma evolução comunicacional adaptada ao meio virtual (Eisenkraemer, 2006). As práticas linguísticas nas redes, marcadas por oralidade escrita, neologismos, códigos visuais e estratégias interacionais próprias, revelam uma linguagem funcional, expressiva e profundamente enraizada nos usos sociais contemporâneos (Brito, 2022). Compreendê-la implica reconhecer que a língua está em constante transformação e que seus usos digitais refletem a criatividade, a agilidade e a diversidade cultural dos falantes (Brito, 2020).

Assim, o estudo da linguagem no ambiente virtual contribui não apenas para a descrição linguística moderna, mas também para a valorização de novas formas legítimas de expressão e identidade no espaço virtual (Brito, 2022).

3.2 Conceito de neologismo

A linguagem está em constante transformação, acompanhando as mudanças sociais, culturais e tecnológicas, refletindo os modos de vida, os valores e as práticas sociais dos falantes (Bagno, 2007). Segundo Alves (2012), essa dinâmica linguística se manifesta, entre outras formas, pela incorporação de neologismos, que são novos elementos lexicais criados ou adotados para atender às demandas comunicacionais contemporâneas. Ganança (2020) destaca que o processo de renovação vocabular é impulsionado por diversos fatores, como avanços tecnológicos, alterações culturais e ideológicas, bem como mudanças nas formas de interação social. Dessa maneira,

entende-se que os neologismos refletem as transformações sociais e culturais, expressando necessidades e novas realidades comunicativas presentes na comunidade linguística.

Segundo Kleber Eckert (2019), os neologismos podem ser classificados em duas categorias principais: neologismos de forma e neologismos de sentido. Segundo o autor, os neologismos de forma correspondem à criação de novas palavras que antes não existiam na língua, geralmente por processos morfológicos como derivação, como exemplo claro disso, é a palavra “hackeável”, formado de “hackear” + “ável” ou composição, que envolvem a formação de palavras que antes inexistiam na língua, muitas vezes seguindo padrões já consagrados no sistema linguístico, como por exemplo “bate-boca”.

Por outro lado, segundo o pesquisador, os neologismos de sentido, também chamados de neologismos semânticos, não envolvem a criação de novas formas lexicais, mas sim a atribuição de significados diferentes a palavras que já existiam. É o caso, por exemplo, do termo “viral”, originalmente ligado à biologia, se referia a algo relacionado a vírus, mas que, nas plataformas digitais passou a significar algo que se espalha rapidamente nas redes. Essa modalidade demonstra como a linguagem é capaz de ressignificar o repertório lexical de acordo com as transformações culturais, tecnológicas e comunicacionais do contexto social.

Essa distinção proposta por K. Eckert (2019) é importante porque demonstra que a inovação lexical não ocorre apenas na forma, mas também no campo semântico, revelando a capacidade da língua de criar e ressignificar palavras em resposta às transformações da sociedade contemporânea. Tanto os neologismos de forma quanto os de sentido evidenciam a criatividade linguística dos falantes e a flexibilidade do léxico diante das novas realidades coletivas.

No cenário atual, marcado pelo avanço acelerado das tecnologias digitais e pela virtualização das interações humanas, os neologismos tornam-se uma resposta linguística a fenômenos emergentes e necessidades comunicativas associadas ao desenvolvimento de novas práticas sociais e culturais (Krieger; Finatto, 2004). A internet, especialmente as redes sociais, configura-se como um espaço propício para a experimentação linguística e a rápida circulação de novas palavras, siglas e expressões que refletem práticas culturais e comunicacionais inéditas (K. Eckert, 2019; Alves, 2012). Como observa Alves (2012), o léxico acompanha os ritmos da

sociedade e da comunicação, sendo constantemente ajustado às novas experiências coletivas e às transformações das formas de interação.

Conforme demonstram Morais (2023), esses neologismos surgem sobretudo em plataformas digitais como o Twitter, por meio de empréstimos do inglês que são adaptados fonologicamente e morfossintaticamente ao português dos falantes jovens. Essa renovação vocabular é motivada por múltiplos fatores, como o contato intenso entre línguas, a necessidade de nomear realidades tecnológicas e a busca por expressividade própria das comunidades virtuais. Termos como *hater*, *trend*, *streamar* e *printar* exemplificam essa tendência: são unidades lexicais oriundas do inglês que se inseriram no cotidiano de falantes de português, adaptadas para se adequar às regras do idioma receptor (Morais, 2023).

O fenômeno do empréstimo lexical em ambientes digitais revela não apenas a permeabilidade das línguas naturais, mas também a velocidade com que os neologismos são criados, difundidos e incorporados ao uso cotidiano, aspecto evidenciado por K. Eckert (2019) e Morais (2023). De acordo com esses autores, a circulação de novos termos ocorre em ritmo acelerado, impulsionada pela dinâmica viral das redes sociais e pelo uso intensivo de plataformas digitais como o Twitter. Os autores evidenciam que, diferentemente de épocas anteriores, em que a incorporação de novos termos ocorria de modo mais gradual, hoje a dinâmica de circulação e legitimação de neologismos é praticamente instantânea. A popularização de determinadas palavras pode ocorrer em poucos dias, impulsionada pela viralização de memes, hashtags e conteúdos compartilhados em massa.

Além do aspecto quantitativo — marcado pelo grande volume de termos importados —, há também uma dimensão qualitativa que merece destaque. De acordo com Valadares e Moura (2016), a escolha consciente de determinados neologismos expressa valores identitários, reforça laços de pertencimento a grupos digitais específicos e constrói marcas de distinção simbólica. Assim, empregar expressões como *streamar* ou *dar unfollow* pode funcionar como indicador de familiaridade com o universo tecnológico e com práticas discursivas próprias da esfera digital. Nesse sentido, os neologismos cumprem uma função social relevante, pois atuam como índices de identidade e de alinhamento cultural, especialmente em níveis geracionais (Chyrvonyi, 2025).

Outro aspecto importante diz respeito aos mecanismos de adaptação dos empréstimos. Como enfatizam Real (2014) e Vigário (2021), a integração desses

termos ao português não ocorre de forma automática, mas envolve processos de acomodação fonética, morfológica e semântica. O verbo *printar*, por exemplo, resulta da apropriação do termo inglês *print*, originalmente um substantivo, ao qual se adiciona o sufixo verbal “-ar”, seguindo um padrão produtivo no português brasileiro. Esse processo confere naturalidade ao empréstimo, permitindo que ele seja conjugado e flexionado conforme as regras gramaticais do idioma. Situação semelhante ocorre com *streamar*, derivado de *stream*, também transformado em verbo (Real, 2014; Vigário, 2021).

Ao mesmo tempo, nem todos os empréstimos se consolidam de maneira definitiva. Muitos termos circulam restritos a nichos específicos e podem desaparecer tão rapidamente quanto surgiram, evidenciando a fluidez do léxico digital. Essa característica transitória reforça o caráter experimental da linguagem na internet, que funciona como um laboratório contínuo de criação, testagem e validação de novas formas de expressão (Crystal, 2006; Real, 2014)

Os neologismos não são simples modismos: eles exercem funções comunicativas e simbólicas profundas. Real (2014) destaca que a criação lexical digital está ligada a questões identitárias, culturais e ideológicas. Ao adotar determinados termos, os usuários constroem pertencimento a comunidades virtuais específicas, distinguindo-se por seu repertório linguístico.

A linguística reconhece a formação de palavras como um fenômeno orientado pelo contexto comunicativo. Basílio (1987) observa que a formação de palavras obedece a princípios de necessidade comunicativa, ou seja, a linguagem inova conforme as necessidades de expressão de seus falantes.

Em regiões com forte identidade cultural, como o Alto Oeste Potiguar, os neologismos adquirem características locais, combinando elementos regionais com tendências digitais globais. Segundo Andrade (2024) “A riqueza linguística do dialeto regional do Nordeste do Brasil contribui significativamente para a formação de neologismos e para a expansão do vocabulário da língua portuguesa” (Andrade, 2024, p.33). Esse léxico híbrido expressa humor, resistência, crítica e, sobretudo, identidade cultural. A criatividade linguística presente nessas comunidades revela a capacidade de produzir sentidos novos a partir da apropriação de termos estrangeiros e da adaptação de palavras locais ao ambiente digital (Andrade, 2024; Real, 2014; Crystal, 2006).

Como discutem Barton e Lee (2013), o uso desses termos é marcadamente social: quem os domina participa ativamente da comunicação digital, enquanto quem não compreende pode ser excluído. Essa dinâmica evidencia que a linguagem funciona como um marcador simbólico, delimitando quem pertence ao grupo e quem permanece à margem. Nesse sentido, os neologismos operam como instrumentos de reconhecimento mútuo e de reforço de laços identitários entre os usuários, ao mesmo tempo que atualizam referências culturais tradicionais em novas formas de expressão (Barton e Lee, 2013)

O neologismo, portanto, deve ser compreendido como um reflexo direto das transformações sociais e como instrumento de construção simbólica e identitária. Sua análise permite entender não apenas o funcionamento da língua, mas também os valores, tensões e pertencimentos que circulam no ambiente digital. No caso específico do Alto Oeste Potiguar, o estudo dos neologismos em plataformas digitais oferece um retrato rico das reconfigurações culturais e comunicacionais que ocorrem no território, revelando como a linguagem participa ativamente da construção de comunidades, afetos e discursos, conforme observado por Brito (2022) ao analisar as manifestações lexicais da atualidade nas mídias sociais.

3.3 Conceito de sociedade

Historicamente, a ideia de sociedade pode ser traçada desde filósofos gregos, como Aristóteles (1985), que afirmava que o ser humano é destinado à vida em comunidade. Segundo ele,

O homem é por natureza um animal social, e um homem que, por natureza e não por mero acidente, não fizesse parte de cidade alguma, seria desprezível ou estaria acima da humanidade [...] é evidente que o homem, muito mais que a abelha ou outro animal gregário, é um animal social (Aristóteles, Política, 1985, p. 15).

Na Idade Moderna, pensadores como Thomas Hobbes (2003), John Locke (1998) e Jean-Jacques Rousseau (2017) desenvolveram teorias do contrato social para explicar a origem da sociedade civil. De acordo com esses autores, os indivíduos, em estado de natureza, decidiram abrir mão de parte de sua liberdade para viver em

coletividade, organizando-se sob leis comuns que garantissem segurança e estabilidade.

Para Émile Durkheim (2004), a sociedade é uma realidade superior aos indivíduos, com existência própria e regras que condicionam o comportamento humano, chamadas de “fatos sociais”. O autor os define como “as crenças, as tendências e as práticas de um grupo tomadas coletivamente” (Durkheim, 2004, p. 42), ressaltando que tais elementos existem independentemente das vontades individuais e exercem sobre os sujeitos uma autoridade. Por sua vez, Karl Marx e Friedrich Engels (2014) compreende a sociedade como um campo de conflitos entre classes sociais, estruturado pelas relações de produção e pela exploração da força de trabalho, sendo a luta de classes o motor das transformações históricas. Já Max Weber (1994) oferece uma abordagem compreensiva, entendendo a sociedade como produto das ações sociais dos indivíduos, que só podem ser analisadas a partir dos sentidos que os sujeitos atribuem às suas práticas.

Segundo Castells (2002), para além das estruturas econômicas e políticas, a sociedade é também uma construção simbólica e comunicacional, isso significa que ela se constitui por meio das linguagens, dos significados compartilhados e das formas de expressão cultural. Nessa perspectiva, segundo o autor, os vínculos sociais não se sustentam apenas por meio de instituições formais, mas se estruturam pelas linguagens, pelos significados compartilhados e pelas formas de expressão cultural que circulam entre os indivíduos. Para Penelope Eckert (2019), a linguagem desempenha papel central nesse processo, funcionando como um índice social que organiza e expressa as identidades e relações dentro de uma comunidade.

Nesse sentido, a sociedade contemporânea pode ser compreendida como uma sociedade em rede, conceito desenvolvido por Manuel Castells (2002) para designar uma nova forma de organização social baseada na descentralização, na interconectividade e na velocidade da informação.

Segundo Castells (2002) e Santaella (2010), essa estrutura se caracteriza pela circulação veloz de dados, pela globalização das interações e pela construção de identidades múltiplas e fluidas, que se moldam continuamente nos fluxos comunicacionais mediados por tecnologias digitais. Os autores destacam que as interações sociais, antes restritas ao espaço físico, passaram a se desenvolver em ambientes digitais, como redes sociais e plataformas de mensagens, nos quais se consolidam novos códigos linguísticos, práticas comunicacionais inovadoras e

processos de reconfiguração identitária. Esse cenário impulsiona o surgimento constante de neologismos, como parte do dinamismo linguístico típico das mídias digitais, nas quais a variação e a inovação lexical refletem significados sociais em transformação (P. Eckert, 2019).

Castells (2002), afirma que o avanço das tecnologias de informação e comunicação tem provocado transformações significativas nas formas de organização, pertencimento e interação social. Ainda de acordo com o autor, as relações entre os indivíduos são cada vez mais mediadas por fluxos digitais de informação, o que altera profundamente os modos de convivência, trabalho e produção simbólica. Na perspectiva de Lemos (2003), esse processo reconfigura o espaço social, que deixa de ser exclusivamente físico para se tornar híbrido, permitindo interações simultâneas em múltiplos ambientes. Conforme Lévy (1999), essa nova dinâmica favorece a emergência de identidades fluidas e contextuais, moldadas pelas redes de comunicação e pelas práticas digitais às quais os sujeitos estão inseridos.

As plataformas digitais como Instagram, TikTok e Facebook tornaram-se espaços centrais da vida em sociedade, especialmente entre os jovens, pois concentram práticas cotidianas de interação, lazer e expressão identitária (Lemos, 2003). Nesses ambientes, surgem novas formas de sociabilidade, baseadas em interações instantâneas, visibilidade pública e construção de reputações simbólicas mediadas por curtidas, comentários e compartilhamentos (Recuero, 2009). A linguagem, nesse contexto, assume papel ainda mais relevante, sendo constantemente reinventada e marcada por um dinamismo que reflete os modos contemporâneos de estar no mundo, especialmente nas redes sociais, onde a variação e a criatividade linguística estão ligadas à identidade e à performance social (P. Eckert, 2019).

Outro aspecto essencial do conceito de sociedade é sua dimensão cultural, que abrange as formas simbólicas e os significados compartilhados pelos indivíduos (Hall, 2006). Segundo Geertz (2008), a cultura é o tecido simbólico que dá sentido às ações humanas, estruturando a forma como os sujeitos percebem, interpretam e atuam no mundo. Na visão do autor, a sociedade é o espaço onde essas ações se realizam, sendo, portanto, inseparável dos sistemas de significação que a constituem.

A cultura expressa os valores, crenças, hábitos e linguagens de um grupo, funcionando como elemento central para a identidade coletiva e a continuidade social

(Geertz, 2008; Hall, 2006). Assim, ela é fundamental para a coesão social, pois fornece os códigos simbólicos que orientam as práticas e as normas de convivência (Taylor, 1997).

Castells (2002) aponta que a sociedade é, portanto, o espaço onde se constroem identidades coletivas, pois os vínculos sociais e culturais partilhados moldam a maneira como os sujeitos se percebem e se posicionam no mundo. Hall (2006) destaca que cada indivíduo é simultaneamente produto e produtor da sociedade em que vive, atuando tanto como receptor quanto como agente das práticas culturais e dos discursos que o constituem. O autor também afirma que a identidade não é fixa, mas construída discursivamente nas relações sociais, sendo constantemente negociada por meio da cultura, da linguagem e do reconhecimento mútuo. K. Eckert (2019) observa que a linguagem digital e seus neologismos contribuem para a formação de comunidades virtuais, nas quais os sujeitos compartilham repertórios linguísticos e simbólicos, criando grupos de afinidade e identidades sociais específicas.

Nesse viés, de acordo com os autores Geertz (2008) e Hall (2006), compreender a sociedade envolve também analisar as manifestações culturais que emergem em cada contexto histórico e geográfico, pois a cultura é produto da interação entre sujeitos e seus ambientes, mediada por valores, símbolos e práticas sociais. No caso do Alto Oeste Potiguar, por exemplo, a sociedade local é marcada por uma cultura híbrida, que mistura tradições regionais com elementos globais, fenômeno que caracteriza o que Canclini (1990) denomina de “hibridismo cultural”, comum em contextos periféricos atravessados pela globalização. Essa hibridização é especialmente mediada pelas redes sociais, onde ocorrem trocas simbólicas e linguísticas que reconfiguram identidades locais a partir de influências globais (Lemos, 2003; Recuero, 2009).

A sociedade do Alto Oeste Potiguar, ao se apropriar de certos termos e expressões em seus usos cotidianos nas redes, reafirma sua identidade regional e também se insere em uma cultura globalizada, Canclini (1990) afirma que, tradições locais se entrelaçam com códigos e linguagens globais. Isso evidencia como a sociedade, mesmo situada geograficamente, pode ser compreendida em sua dimensão dinâmica, fluida e transnacional, característica das sociedades contemporâneas mediadas por tecnologias da informação e comunicação (Castells, 2002). Sobretudo no contexto da cibercultura, em que as fronteiras entre o local e o

global tornam-se cada vez mais difusas e as culturas passam a ser experienciadas em ambientes híbridos e digitais (Lemos, 2003).

O conceito de sociedade é amplo, multifacetado e indispensável para entender os fenômenos contemporâneos, especialmente os ligados à linguagem, cultura e tecnologia, pois envolve tanto estruturas formais (instituições, normas) quanto dinâmicas simbólicas e comunicacionais (Giddens, 2005; Hall, 2006; Castells, 2002).

Ao analisar os neologismos usados na comunicação digital do Alto Oeste Potiguar, é imprescindível considerar a sociedade como um espaço simbólico, relacional e comunicacional, no qual os sentidos são constantemente produzidos e renegociados nas práticas cotidianas como apontado por Geertz (2008). A linguagem atua como força estruturante das interações e das identidades sociais, já que, segundo Hall (2006), é por meio dela que os sujeitos constroem significados, pertencimentos e diferenças.

Portanto, compreender a sociedade não se limita a descrever suas instituições ou normas, mas requer a interpretação dos sentidos compartilhados, dos símbolos e das práticas linguísticas que os sujeitos constroem para viver em coletividade, como apontam os estudos de Geertz (2008) e Hall (2006) sobre cultura e identidade. E, nesse cenário, os neologismos emergem como índices linguísticos das transformações culturais, sociais e identitárias da sociedade em rede, pois funcionam como sinais de inovação lexical motivada por mudanças nos modos de vida, tecnologias e relações sociais (K. Eckert, 2019).

3.4 Conceito de cultura

Segundo Geertz (2008), o conceito de cultura é um dos pilares das ciências humanas e sociais, sendo fundamental para compreender os modos pelos quais os indivíduos e os grupos organizam suas vidas. Durante muito tempo, segundo Eagleton (2005), a cultura foi entendida como um conjunto de práticas refinadas que diferenciavam os indivíduos considerados “cultos”, ou seja, letrados e integrados à cultura erudita, daqueles vistos como “incultos”, numa perspectiva marcada por valores eurocêntricos e elitistas. No entanto, segundo Laraia (2001), com a consolidação da antropologia e da sociologia como ciências, essa visão foi superada por abordagens mais inclusivas e compreensivas. Edward B. Tylor (1871),

considerado um dos fundadores da antropologia moderna, definiu a cultura como um conjunto complexo de elementos, incluindo saberes, crenças, artes, normas morais, leis, costumes e outras capacidades adquiridas pelo ser humano enquanto membro de uma sociedade.

A concepção de cultura proposta pelo autor foi posteriormente ampliada por Franz Boas (1938), que introduziu o princípio do relativismo cultural ao defender que cada cultura deve ser compreendida a partir de suas próprias estruturas e significados internos. Nessa mesma linha, Bronislaw Malinowski (1944) contribuiu ao enfatizar a importância de compreender as práticas culturais dentro do contexto funcional de cada sociedade. No campo da sociologia, Émile Durkheim (2004) abordou a cultura como um sistema coletivo de representações simbólicas que molda a conduta dos indivíduos, enquanto Max Weber (1999) destacou o papel dos valores e significados culturais na orientação da ação.

Um dos maiores avanços nessa concepção contemporânea de cultura foi proposto por Clifford Geertz (2008), que entende a cultura como um sistema simbólico por meio do qual os seres humanos constroem significados para interpretar o mundo. Em sua abordagem interpretativa, o autor afirma que,

O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (Geertz, 2008, p. 9).

Nesse sentido, o autor nos ensina que compreender uma cultura exige a análise das formas simbólicas, como rituais, discursos, gestos e artefatos que estruturam as práticas sociais e expressam os modos de vida dos indivíduos e dos grupos sociais.

A perspectiva simbólica, conforme propõe Geertz (2008), destaca a cultura como uma mediação fundamental para a compreensão das ações humanas. Para o autor, os seres humanos não agem de forma puramente instintiva ou racional, mas operam dentro de sistemas simbólicos que atribuem sentido às suas práticas. Nesse sentido, Stuart Hall (2006) reforça que a cultura organiza a experiência social por meio de significados compartilhados, moldando as formas de pensar, agir e interagir. Charles Taylor (1997), por sua vez, acrescenta que as escolhas e ações dos sujeitos são orientadas por narrativas, valores e representações simbólicas que constituem um universo cultural de sentidos. Assim, com base nos autores, compreender as

ações humanas exige a análise desses significados internalizados, que estruturam o modo como os indivíduos percebem o mundo e a si mesmos.

Para Stuart Hall (2006), o conceito de cultura também está profundamente vinculado ao de identidade. Hall argumenta que cultura e identidade estão interligadas, uma vez que os significados culturais organizam os modos pelos quais os sujeitos se reconhecem e são reconhecidos. O autor enfatiza que “a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade” (Hall, 2006, p. 11).

Ele afirma que, não é possível pensar identidade fora da cultura, pois os significados culturais são os elementos que organizam a forma como os indivíduos se reconhecem e são reconhecidos socialmente. Segundo o autor, a identidade é construída discursivamente, ou seja, ela é formada por meio de representações simbólicas, narrativas históricas e práticas culturais que operam dentro de contextos sociais específicos

Nesse contexto, para Hall (2006), a linguagem ocupa um papel central na constituição da cultura, pois é por meio dela que os significados são produzidos, compartilhados e disputados. O autor enfatiza que, a linguagem não é apenas um instrumento neutro de comunicação, mas um campo simbólico de construção de realidades sociais. Como destaca P. Eckert (2019), as variações linguísticas, como os neologismos, funcionam como marcadores sociais que refletem práticas culturais e identidades coletivas.

Com o avanço das tecnologias digitais, a cultura passou a se manifestar também em ambientes virtuais, transformando as formas de produção e compartilhamento simbólico, como observa Pierre Lévy (1999). O autor afirma que o ciberespaço inaugura uma nova esfera cultural (cibercultura), caracterizada pela conectividade em rede e pela inteligência coletiva. Complementando essa visão, André Lemos (2003) define a cibercultura como um conjunto de práticas sociais mediadas pelas tecnologias digitais, nas quais a produção cultural torna-se mais democrática, colaborativa e descentralizada. Já Santaella (2008, 2024) enfatiza que, nesse novo regime comunicacional, os sujeitos não são apenas consumidores, mas também emissores e cocriadores de conteúdo, o que intensifica sua participação ativa nas dinâmicas culturais e comunicacionais contemporâneas.

Nos ambientes digitais, práticas culturais emergentes como memes, neologismos digitais e desafios virais tornam-se elementos centrais da comunicação, conforme destaca Lemos (2003), ao analisar a forma como a cibercultura possibilita

novas expressões simbólicas por meio das tecnologias digitais. Esses elementos, segundo P. Eckert (2019), funcionam como marcadores sociais relevantes, pois refletem identidades coletivas e práticas culturais das comunidades virtuais. Lévy (1999) complementa essa compreensão ao argumentar que a cultura contemporânea é fluida e dinâmica, reinventando-se continuamente em plataformas digitais como Instagram, TikTok e Facebook, onde os significados culturais são constantemente negociados e ressignificados.

No caso do Alto Oeste Potiguar, Canclini (1990) observa que o hibridismo se manifesta como uma mescla entre o popular, o midiático e o digital, produzindo novas práticas culturais que não se enquadram em categorias puras. Essa dinâmica pode ser observada, por exemplo, nas redes sociais utilizadas pelos habitantes da região, onde, conforme aponta Lemos (2003), os sujeitos se apropriam criativamente de elementos da cibercultura em suas interações cotidianas. Nesse contexto, P. Eckert (2019) destaca que os neologismos, gírias e expressões globais adotados pelos usuários funcionam como marcadores identitários, revelando pertencimentos sociais e culturais que não rompem com as referências locais, mas as atualizam em um ambiente comunicacional globalizado.

Esse processo evidencia, segundo Canclini (1990), que a cultura é dinâmica, relacional e atravessada por fluxos globais de informação e símbolos, especialmente em contextos marcados pela globalização e pela mediação tecnológica. Nas interações digitais, Lemos (2003) observa que os sujeitos participam ativamente da produção cultural, reinterpretando signos globais a partir de suas vivências locais. Nesse sentido, os jovens do Alto Oeste Potiguar, ao utilizar redes sociais e linguagens digitais, segundo P. Eckert (2019), reconfiguram suas identidades e reafirmam sua pertença cultural, mesmo enquanto se inserem em uma lógica comunicacional globalizada.

O conceito de cultura, segundo Geertz (2008), é fundamental para compreender os modos pelos quais os sujeitos constroem significados, se relacionam, se identificam e comunicam, já que a cultura funciona como um sistema simbólico no qual o ser humano interpreta o mundo. Hall (2006) complementa essa perspectiva ao afirmar que a cultura está diretamente ligada à construção das identidades sociais, sendo o espaço onde os discursos e os sentidos são continuamente produzidos. A cultura, portanto, não é estática, mas atravessada por disputas, atualizações e reconfigurações constantes, especialmente no contexto digital, como apontam Lévy

(1999) e Lemos (2003), ao discutirem a natureza dinâmica da cibercultura e sua influência nas práticas simbólicas contemporâneas. No cenário do Alto Oeste Potiguar, as redes sociais, conforme observa P. Eckert (2019), funcionam como espaços privilegiados de expressão cultural, onde os neologismos e outras práticas linguísticas atuam como marcadores de transformações identitárias e socioculturais mais amplas, conectando o local ao global de maneira híbrida e interativa.

3.5 Conceito de comunicação humana

Conforme aponta Koch (2010), embora a comunicação pareça simples em sua manifestação cotidiana, ela é um fenômeno altamente complexo, pois envolve dimensões cognitivas, linguísticas, simbólicas e culturais que estruturam o pensamento e a ação dos sujeitos. De acordo com Castells (2002), a comunicação humana tornou-se ainda mais complexa no contexto das transformações socioculturais contemporâneas, especialmente com o surgimento das plataformas digitais que reconfiguram as formas de interação social. Para Hall (2006), o estudo da comunicação ganha destaque na contemporaneidade porque revela os mecanismos de produção, circulação e recepção de mensagens em sociedades marcadas por fluxos globais de informação e pela multiplicidade de identidades culturais.

De acordo com Koch (2010), a comunicação deve ser compreendida como um processo dinâmico e contínuo de construção de significados, em que os sujeitos interagem com base em contextos sociais, culturais e históricos compartilhados. O autor ressalta que, comunicar-se é essencialmente construir sentidos, o que implica um diálogo ativo entre interlocutores situados, cujas interpretações são moldadas por sua experiência e inserção sociocultural.

De acordo com Hall (2006), comunicar-se não é apenas transmitir informações, mas ativar repertórios culturais e sociais que moldam a interpretação das mensagens e influenciam o posicionamento dos interlocutores dentro de estruturas simbólicas. Essa abordagem compreende a linguagem como um instrumento constitutivo das relações humanas, responsável por organizar a experiência e dar forma à realidade vivida, como discutido por Possenti (1995) ao analisar a produção de sentidos e os efeitos sociais da linguagem politicamente correta.

Travaglia (2000) destaca que a comunicação linguística deve ser compreendida como um ato social, uma vez que se realiza em contextos interativos,

nos quais os sujeitos negociam sentidos a partir de suas posições sociais. Segundo o autor, esse processo comunicativo é atravessado por relações de poder e por ideologias que moldam a forma como as mensagens são construídas, interpretadas e valorizadas em diferentes contextos. Fairclough (2001) corrobora essa visão ao afirmar que a linguagem é sempre situada socialmente e carrega disputas por significação que refletem e reproduzem as estruturas de dominação presentes na sociedade. Assim, como reforça Travaglia (2000), toda forma de comunicação está orientada por objetivos específicos, ainda que muitas vezes esses propósitos não estejam plenamente conscientes para os interlocutores envolvidos.

A comunicação está profundamente vinculada à cultura, pois, de acordo com Geertz (2008), a cultura fornece os sistemas simbólicos por meio dos quais os indivíduos organizam a experiência e atribuem sentido à realidade, sendo a comunicação o meio através do qual esses sistemas circulam e se reproduzem. Geertz (2008) também argumenta que comunicar, nesse contexto, significa partilhar signos e símbolos que possuem valor dentro de uma determinada comunidade cultural, configurando-se como prática interpretativa.

Nesse mesmo campo de pensamento, Hall (2006) ressalta que a comunicação é um processo codificado culturalmente, no qual os significados são produzidos, fixados e negociados por meio de códigos que precisam ser compreendidos coletivamente. Segundo o autor, esses códigos culturais moldam tanto a produção quanto a recepção das mensagens, de modo que a eficácia comunicativa depende da sintonia entre codificação e decodificação. Como observa Hall (2006), os processos comunicativos não são definidos, pois a decodificação das mensagens pode resultar em múltiplas interpretações, especialmente quando os interlocutores possuem experiências culturais ou cognitivas distintas. Por isso, o autor adverte que a comunicação está sujeita a ruídos e mal-entendidos quando há falhas na partilha de códigos, o que evidencia o papel central da cultura na construção do sentido.

Para Durkheim (2004), a comunicação está inserida na estrutura social como parte dos chamados fatos sociais, que possuem caráter coercitivo e influenciam o comportamento individual. O autor considera a linguagem como um dos principais fatos sociais, uma vez que ela existe independentemente da vontade individual e impõe formas de pensar, agir e comunicar-se que são coletivamente determinadas.

Weber (1999), por sua vez, ao desenvolver sua abordagem compreensiva da ação social, entende a comunicação como o meio pelo qual os sujeitos atribuem sentido às suas ações em relação aos outros. Segundo o autor, a linguagem é um instrumento simbólico que viabiliza a construção de significados compartilhados, sendo essencial para a constituição da vida social e da interação entre indivíduos.

Assim, tanto Durkheim (2004) quanto Weber (1999) contribuem para a compreensão de que a comunicação não é um processo neutro ou meramente técnico, mas se realiza em contextos sociais permeados por normas, valores e relações de poder.

Com o avanço das tecnologias digitais, Castells (2002) observa que novas formas de comunicação emergem e transformam profundamente as práticas sociais, reorganizando os modos de interação e produção de sentido. Segundo o autor, a comunicação mediada por plataformas digitais, como Instagram, TikTok e Facebook, amplia o alcance das interações, ao mesmo tempo em que altera profundamente seus formatos, temporalidades e linguagens.

Para Castells (2002), a sociedade em rede é caracterizada por um modelo comunicacional descentralizado, marcado pela interatividade, pela alta velocidade da informação e pela personalização dos conteúdos compartilhados. Essas características, de acordo com o autor, impactam diretamente a forma como os sujeitos constroem suas identidades, visto que a comunicação digital se torna um espaço de expressão e negociação simbólica.

Nesse mesmo cenário, autores como Lemos (2002), destaca que elementos da linguagem digital não funcionam apenas como espelhos da sociedade, mas como componentes ativos que contribuem para a reconfiguração das práticas culturais e dos modos de significar. Assim, como afirmam Castells (2002) e Lemos (2003), a linguagem digital deve ser compreendida como um elemento estruturante da contemporaneidade, pois ela participa da organização simbólica da vida social em rede.

A comunicação contemporânea se caracteriza por ser multimodal, uma vez que recursos como imagens, vídeos, emojis, gifs, stickers e áudios integram o repertório comunicacional, ampliando as possibilidades expressivas dos interlocutores de acordo com Freitas e Rodrigues (2022). Os autores ressaltam que esses modos semióticos coexistem e se articulam nas interações digitais, produzindo sentidos por meio de sua combinação.

Segundo Marcuschi (2004), a leitura e a compreensão de mensagens em ambientes digitais exigem competências específicas para integrar linguagens verbais, visuais, sonoras e gestuais na mesma interação multimodal. Ele destaca que os gêneros textuais digitais oferecem maleabilidade semiótica, pois combinam simultaneamente múltiplas semioses, exigindo nova alfabetização multimodal. Freitas e Rodrigues (2022) afirmam que essa ecologia comunicativa complexa demanda abordagens interdisciplinares que conectem linguística, semiótica, tecnologia e educação para dar conta dos novos modos de letramento digital.

De acordo com Valadares e Moura (2016), neologismos gírios são criados pelos usuários das redes com base na necessidade comunicativa e na identidade de grupo, e se consolidam como sinais de pertencimento. No contexto do Instagram, Balestero, Clempi e Costa (2020) apresentam evidências de que processos como derivação sufixal (ex.: stalkeio, contatinho) são bastante produtivos para criar termos próprios do meio digital. Os autores destacam que esses neologismos são testados no ambiente digital, validando-se ou sendo descartados conforme a recepção coletiva do termo. Além disso, Jesus (2021) explica que nesse sentido, comunicar na era digital é também experimentar e criar, já que a circulação desses termos envolve inovação permanente, mais do que simples repetição padronizada.

A comunicação humana é, segundo Thompson (2008), um fenômeno profundamente social, cultural e simbólico, pois ela estrutura as formas como os indivíduos se relacionam, compartilham significados e constroem coletivamente a realidade. De acordo com Martín-Barbero (1997), a comunicação vai além de um processo técnico ou funcional; ela constitui um espaço marcado por negociações simbólicas, disputas de sentidos e transformações culturais que refletem as dinâmicas sociais em constante mudança.

Como destaca Castells (2002), a globalização e a digitalização ampliam significativamente a complexidade da comunicação, exigindo abordagens interdisciplinares que articulem teoria crítica, prática comunicacional e mediações tecnológicas. Estudar a comunicação humana em contextos regionais específicos, como o Alto Oeste Potiguar, requer, segundo Jesus (2021), considerar tanto as particularidades locais quanto os efeitos das redes globais que influenciam o modo como os sujeitos se expressam digitalmente.

Nesse cenário, os neologismos surgem, de acordo com Valadares e Moura (2016), como práticas linguísticas emergentes que sinalizam não apenas criatividade

lexical, mas também dinâmicas de pertencimento, identidade e inclusão/exclusão social. Como aponta Thompson (2008), investigar a comunicação é também refletir sobre os modos pelos quais os sujeitos constroem sua imagem social e projetam desejos coletivos, revelando, assim, quem somos e quem aspiramos ser enquanto sociedade em rede.

3.6 Conceito de plataformas digitais

Plataformas digitais são ambientes online mediados por algoritmos que conectam usuários, dados e fluxos de conteúdo, como destaca Van Dijck (2024), ao analisarem a estrutura técnica e social dessas ferramentas digitais. Segundo o autor, essas plataformas operam como sistemas híbridos que articulam mediação social e regulação técnica, estabelecendo pontes entre práticas comunicacionais e estruturas corporativas. Ainda conforme Van Dijck (2024), há uma tensão constante entre valores públicos — como transparência, acesso e participação — e as lógicas privadas das grandes corporações tecnológicas que controlam essas infraestruturas.

Van Dijck (2024) também observa que, diferentemente de sites estáticos ou aplicativos de função única, as plataformas digitais são concebidas para agregar e coordenar múltiplas funcionalidades, tais como comunicação interpessoal, entretenimento, publicidade e comércio eletrônico. Para ele, essas funcionalidades são articuladas em ecossistemas interativos, cuja lógica central é a retroalimentação algorítmica: dados gerados pelos usuários são constantemente coletados, analisados e utilizados para personalizar e moldar a própria experiência de uso, reforçando o ciclo de engajamento e visibilidade.

Plataformas como TikTok e Instagram articulam interações pessoais, conteúdos midiáticos e práticas culturais, conforme analisa Van Dijck (2024), ao caracterizá-las como estruturas sociotécnicas complexas. A autora destaca que essas plataformas operam como sistemas híbridos de difusão e controle, uma vez que ao mesmo tempo em que possibilitam a participação dos usuários, também determinam os parâmetros dessa participação por meio de regras e lógicas algorítmicas. De acordo com Van Dijck (2024), elementos como a coleta de dados, a personalização da experiência e os sistemas automatizados de visibilidade não são apenas complementares, mas constituem o núcleo funcional dessas plataformas. Ainda segundo a autora, esses mecanismos moldam profundamente o modo como os

conteúdos circulam, definindo quem vê o quê, quando e em qual contexto, o que reforça seu papel estruturante nas dinâmicas de comunicação contemporâneas.

Mais do que suportes técnicos, as plataformas digitais configuram-se como tecnologias discursivas, conforme argumenta Gillespie (2010), ao destacar que seu funcionamento está imbricado em práticas simbólicas e normativas. Ele sustenta que o termo “plataforma” é intencionalmente ambíguo, pois ao mesmo tempo em que sugere neutralidade e abertura participativa, também encobre estruturas de controle e filtragem. Segundo o autor, essa ambiguidade não é apenas conceitual, mas operacional, pois as plataformas exercem influência direta sobre o que pode ser dito, visto ou compartilhado, criando regimes de visibilidade. Gillespie (2010) ainda ressalta que tal característica transforma as plataformas em espaços de negociação simbólica, nos quais a linguagem circula submetida a critérios algorítmicos, dinâmicas de moderação e estratégias comerciais.

Complementando essa discussão, Hissa e Gomes (2024) mostram que, em plataformas como o Instagram, a curadoria algorítmica e o uso da inteligência artificial geram uma lógica de hiper individualização da mensagem. De acordo com os autores, essas tecnologias não apenas modulam a visibilidade de conteúdos, mas configuram estrategicamente a performatividade discursiva, influenciando o formato e a recepção das falas. Como explicam os autores,

A informação de um ato de fala, metrificada, calculada, ranqueada, fornece um padrão a partir do peso ou densidade de dados que ele possui [...] Nisso vai residir a lógica de funcionamento da curadoria algorítmica, cuja tarefa é mensurar padrões interacionais relacionados a gostos e preferências (Hissa e Gomes, 2024, p. 8).

Hissa e Gomes (2024) enfatizam que a configuração multimodal desses ambientes, combinando texto, imagem, som e vídeo, é organizada por algoritmos que selecionam, promovem ou ocultam conteúdos em função de critérios semióticos e interativos. Por fim, destacam que esse processo algorítmico não é neutro, pois reforça padrões comunicacionais que podem privilegiar certos discursos, gêneros e estilos, enquanto marginalizam outros, moldando o ecossistema linguístico das plataformas digitais.

Conforme mostram Corrêa e Cocco (2024), o funcionamento das plataformas digitais está profundamente articulado à coleta e à análise massiva de dados comportamentais, ao explicarem a operação desses mecanismos em larga escala.

Conforme destacam os autores, esse processo de coleta se insere numa dinâmica de vigilância capitalista, na qual as plataformas monitoram usuários não apenas para perfilamento, mas também para influência comportamental. Corrêa e Cocco (2024) advertem que essa digitalização extensiva da vida social cria uma sobrecarga simbólica e informacional, muitas vezes impossível de ser totalmente apreendida ou controlada pelos próprios indivíduos. Ainda segundo os autores, tal excesso é produto da banalização dos registros e da proliferação contínua de conteúdo, convertendo essas plataformas em verdadeiros campos de disputa pelo olhar, pela atenção e pela atenção cultural.

Essa arquitetura algorítmica, conforme explicam Corrêa e Cocco (2024), impacta diretamente a circulação de discursos e a emergência de neologismos, ao favorecer automaticamente termos que se ajustam aos padrões de visibilidade das plataformas. Eles afirmam que, palavras, expressões ou memes que geram altas taxas de engajamento são priorizados pelos sistemas de recomendação, alcançando rápida circulação e adoção. Por outro lado, os autores ressaltam que conteúdos que não se alinham aos filtros algorítmicos são invisibilizados ou marginalizados, evidenciando como os algoritmos moldam ativamente o ecossistema discursivo das plataformas.

Esse processo evidencia, ainda, um apagamento dos potenciais críticos e políticos das interações digitais, uma vez que, como afirmam Corrêa e Cocco (2024), “todos os traços que permitiriam entrever reconexões possíveis com o terreno das lutas ou com os componentes políticos de um agenciamento sociotécnico são neutralizados a priori” (Corrêa e Cocco, 2024, p.112).

Martins e Damaceno (2020) definem cultura participativa como um ambiente no qual os usuários se envolvem ativamente na criação, compartilhamento e remixagem de conteúdos, graças à redução das barreiras tecnológicas e ao fortalecimento do senso de pertencimento comunitário. De acordo com os pesquisadores, essa concepção esclarece como as plataformas viabilizam o surgimento de microculturas expressivas, identitárias e repertoriais linguísticos próprios. Os autores observam que, apesar da promoção da participação, essa interação é fortemente mediada por infraestruturas técnicas que determinam quem comunica, o que se comunica e como os significados se consolidam. Ainda segundo Martins e Damaceno (2020), nesse cenário, as plataformas digitalizadas adotam-se

como arenas de disputa por atenção, onde neologismos emergem como instrumentos de pertencimento simbólico e inovação linguística.

No plano linguístico, as plataformas digitais configuram-se como espaços privilegiados para a criação e circulação de novos termos, como observam Krieger e Finatto (2004), ao analisarem os processos de inovação lexical em contextos comunicativos dinâmicos. Os autores afirmam que os neologismos não se limitam à criatividade formal da língua, mas estão diretamente associados a necessidades comunicativas e identitárias emergentes. Ainda de acordo com Krieger e Finatto (2004), é no ambiente digital que essa produtividade lexical encontra terreno fértil, onde termos como “exposed”, “cringe” ou “tretar” surgem, se disseminam e se adaptam com rapidez, moldados pelas reações e apropriações das comunidades virtuais.

Sob outra perspectiva, Jesus (2021) enfatiza que o ato de se comunicar na era digital não pode ser compreendido apenas como transmissão de mensagens, mas como um exercício contínuo de experimentação e reinvenção linguística. A autora argumenta que, nesse processo, os neologismos se consolidam como formas expressivas que condensam experiências individuais e coletivas em estruturas linguísticas breves, mas altamente significativas. Para Jesus (2021), essas formas inovadoras de linguagem atuam como marcadores de pertencimento cultural, afetivo e geracional, revelando a potência simbólica da comunicação digital.

No contexto do Alto Oeste Potiguar, o uso de plataformas digitais conecta-se a práticas de sociabilidade que articulam referências locais e fluxos globais, conforme analisa Lemos (2003), ao refletir sobre a cibercultura como um fenômeno que reorganiza os modos de vida a partir da mediação tecnológica. Segundo o autor, a apropriação das redes por jovens da região envolve não apenas a manutenção de interações cotidianas, mas também a criação e difusão de repertórios linguísticos próprios, marcados por regionalismos, gírias e neologismos específicos. Ainda de acordo com Lemos (2003), a presença dessas práticas linguísticas nas plataformas digitais evidencia um processo de construção simbólica que transforma o ambiente virtual em espaço ativo de produção cultural e identitária.

O autor observa que, embora amplamente conectadas ao circuito global de informações, as plataformas digitais não eliminam os territórios, mas os reconfiguram em rede, promovendo novas formas de pertencimento e expressão cultural. Com base nessa perspectiva, Lemos (2003) argumenta que, no caso do Alto Oeste Potiguar, tais

plataformas funcionam como dispositivos de visibilidade simbólica, por meio dos quais os sujeitos constroem sua imagem pública e negociam sentidos de pertencimento. Para o autor, a linguagem, ao ser performada nesses espaços, atua como ferramenta de afirmação identitária, enquanto os neologismos se consolidam como formas estratégicas de marcar vínculos socioculturais, práticas locais e estilos próprios de comunicação.

As plataformas digitais devem ser compreendidas como espaços sociotécnicos complexos, nos quais linguagem, tecnologia e cultura se entrelaçam, como observa Lemos (2003). Gillespie (2010) destaca que esses ambientes não apenas possibilitam a comunicação, mas também moldam seus formatos, conteúdos e efeitos, ao operar como estruturas que regulam a visibilidade e o alcance discursivo. Estudar o conceito de plataforma digital, portanto, é essencial para compreender fenômenos como os neologismos, que, segundo Krieger e Finatto (2004), representam respostas linguísticas a novas experiências comunicativas e identitárias.

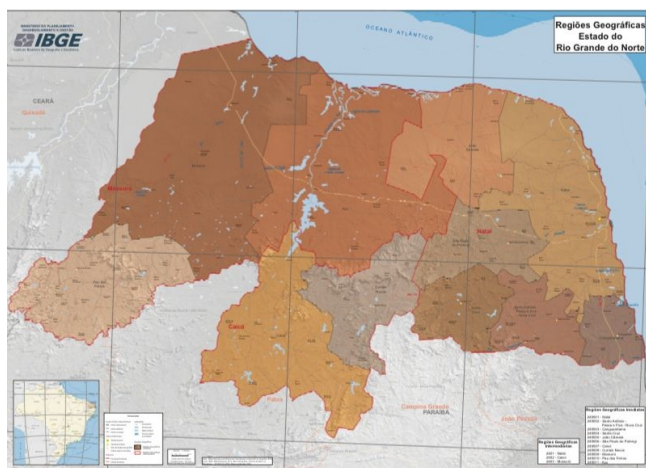
Ao se analisar esses ambientes digitais, observa-se que os neologismos não são apenas inovações lexicais, mas formas de atuação simbólica, como sugere Jesus (2021), assim, as plataformas atuam como motores de transformação comunicativa, promovendo a reinvenção constante da linguagem e dos sentidos atribuídos à experiência cotidiana.

3.7 Conceito de Alto Oeste Potiguar

O Alto Oeste Potiguar configura-se como uma microrregião localizada na extremidade oeste do estado do Rio Grande do Norte, fazendo fronteira com os estados da Paraíba e do Ceará. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), essa delimitação territorial compreende municípios como Pau dos Ferros, Alexandria, São Miguel, Martins e Portalegre, entre outros, compondo uma rede regional com articulações urbanas específicas. Conforme analisado por Alves e Dantas (2018), essa configuração espacial reflete uma dinâmica de fronteira interna, marcada pela centralidade funcional de Pau dos Ferros, que atua como polo de serviços e organização do território.

Para facilitar a compreensão, a figura a seguir apresenta o recorte geográfico da região estudada, com a microrregião do Alto Oeste Potiguar, situada no interior do estado, afastada do litoral e próxima aos limites interestaduais com Ceará e Paraíba.

Figura 1 - Mapa do Rio Grande do Norte, com delimitações de microrregiões como Alto Oeste



Fonte: IBGE (2017)².

No que diz respeito aos aspectos físicos, Alves e Rocha (2015) destacam que a região apresenta relevo acidentado, com serras e planaltos, como a Serra do Coqueiro, a mais elevada do estado, o que contribui para a formação de microclimas variados dentro de um quadro climático majoritariamente semiárido. Ainda de acordo com os autores, a vegetação predominante é composta por caatinga hiperxerófila, típica do semiárido nordestino, o que reforça a singularidade ambiental da microrregião. Essa combinação de características geográficas, conforme apontam Alves e Rocha (2015), associa-se diretamente à forma como o território é ocupado e dinamizado socioeconomicamente pelos municípios que o integram.

De acordo com Filho, Bezerra e Paiva (2023), a constituição do Alto Oeste Potiguar como unidade regional remete ao contexto dos ciclos da pecuária, cotonicultura e agricultura de subsistência nos séculos XVIII e XIX, quando sesmarias foram ocupadas e surgiram povoados ao longo das rotas comerciais típicas dessa porção do semiárido. Como afirmam os autores, “os movimentos de formação do Alto Oeste Potiguar estão relacionados à expansão das atividades da pecuária, da cana de açúcar e da cultura do algodão” (Filho, et al. 2023, p. 81), evidenciando o papel

² Disponível em:

https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/divisao_regional/divisao_regional_do_brasil/divisao_regional_do_brasil_em_regioes_geograficas_2017/mapas/24_regioes_geograficas_rio_grande_do_norte.pdf. Acesso em: 4 de agosto de 2025.

central dessas atividades econômicas na ocupação e estruturação territorial da região. Segundo esses autores, ao longo do tempo tais aglomerados rurais se transformaram em vilas e, posteriormente, municípios, preservando tradições culturais enraizadas em práticas familiares, religiosas e comunitárias.

No decorrer do século XX, Alves, Dantas e Souza (2018) ressaltam que as iniciativas de infraestrutura pública — incluindo escolas, hospitais e centros religiosos — e, especialmente, a instalação do campus da UFERSA em Pau dos Ferros, foram determinantes para a formação de uma identidade regional mais estruturada. Os pesquisadores destacam ainda que o aumento do acesso à educação superior e às tecnologias digitais possibilitou novas formas de expressão identitária, sobretudo entre a juventude, refletidas no espaço virtual.

De acordo com Conceição e Carneiro (2021), a cultura do Alto Oeste Potiguar se expressa por meio de manifestações populares como festas de padroeiro, grupos de dança tradicional, reisado e pastoril, música regional, como forró pé de serra e vaquejada, culinária típica, como baião de dois, carne de sol, goma com queijo, além de práticas religiosas de matriz católica e evangélica, configurando um patrimônio imaterial enraizado na identidade regional, esses elementos culturais são centrais na definição do pertencimento coletivo e na construção social do território. Como afirmam os próprios autores, “todo o cenário estava posto para a valorização simbólica do espaço, a feira, o largo, a igreja, símbolos das freguesias e das ribeiras sertanejas que marcaram a ocupação da região nordestina” (Conceição e Carneiro, 2021, p. 3), reforçando a dimensão simbólica dos espaços sociais como marcos da identidade cultural nordestina.

Contudo, conforme Barbosa e Paiva (2022), essa tradição convive com práticas modernas e globalizadas, manifestas no uso intenso de redes sociais, consumo de conteúdos digitais e surgimento de expressões linguísticas híbridas que mesclam o local e o global. Os pesquisadores evidenciam que a juventude do Alto Oeste tem se apropriado das plataformas digitais para narrar seu cotidiano, produzir conteúdos autorais, satirizar elementos da cultura pop e ressignificar gírias e expressões, muitos dos quais assumem forma de neologismos com forte marca regional, expressando uma linguagem simbólica dinâmica e inovadora.

Do ponto de vista linguístico, a fala no Alto Oeste Potiguar apresenta marcas fonéticas e lexicais que refletem uma variação regional historicamente construída, como afirma P. Eckert (2019), ao destacar que a linguagem funciona como um

marcador central de identidade e grupo social. Nesse sentido, o autor observa que a linguagem funciona como um marcador identitário fundamental, moldando e sendo moldada pelos contextos socioculturais nos quais circula.

No entanto, Castells (2002) observa que, com o avanço da cultura digital, os ambientes virtuais se tornam espaços de construção simbólica e de expressão identitária, nos quais novas expressões linguísticas têm emergido, resultando de práticas comunicativas marcadas pela criatividade local. Santaella (2010) complementa essa análise ao afirmar que a lógica dos memes, dos vídeos curtos e das hashtags promove uma reorganização das formas de expressão simbólica, permitindo o surgimento de neologismos que dialogam com os contextos culturais específicos.

Expressões como “mainha digital”, “bicho cabuloso” ou “zuar na rede” ilustram, segundo Corrêa e Cocco (2024), essa apropriação criativa da linguagem tradicional às dinâmicas das plataformas digitais. Ainda de acordo com Corrêa e Cocco (2024), essas adaptações linguísticas refletem tanto a disputa por atenção e visibilidade nos espaços digitais quanto a produção de sentidos situada culturalmente.

Como ressalta Canclini (1990), esse fenômeno pode ser compreendido como uma manifestação do processo de hibridização cultural, onde há mesclagem na construção de novas formas de expressão identitária. O autor argumenta que essa fusão entre o tradicional e o digital contribui para a constituição de uma presença simbólica própria do Alto Oeste Potiguar no ciberespaço, revelando a potência cultural da linguagem.

As plataformas digitais funcionam como territórios simbólicos onde se negociam identidades, valores e modos de ser, conforme analisam Pérez, Alemán, Kalinowski e Gravano (2019), ao estudarem como regionalismos e marcas culturais emergem de práticas linguísticas em redes sociais. No caso do Alto Oeste Potiguar, essas plataformas tornam-se espaços privilegiados para a expressão de subjetividades e coletividades que antes tinham pouca visibilidade fora do contexto local, aspecto que também pode ser compreendido à luz das reflexões de Canclini (1990) sobre a reconfiguração das culturas locais em ambientes globalizados mediados por tecnologias digitais.

De acordo com Martins (2015), a apropriação das mídias sociais para fins identitários, como a divulgação de festas, comentários políticos, criações humorísticas

e relatos do cotidiano, evidencia a presença ativa de sujeitos regionais nos espaços digitais, conferindo-lhes maior reconhecimento simbólico.

Nesse ambiente, como aponta Santaella (2010), a linguagem adquire novos contornos, sendo constantemente atualizada pelas dinâmicas técnicas e sociais que caracterizam a cibercultura. A autora ressalta que “cada vez se produz mais informação, surgem mais empregos cuja tarefa é informar, mais pessoas dependem da informação para viver” (Santaella, 2010, p. 18), o que evidencia a centralidade do fluxo informacional na organização da vida social e no fortalecimento das territorialidades simbólicas digitais.

Ainda segundo Martins (2015), o surgimento de neologismos, memes regionais e expressões híbridas revela que o digital não apenas transforma os modos de comunicação, mas também funciona como catalisador de processos culturais já em curso. Castells (2002) complementa esse entendimento ao afirmar que as redes digitais amplificam a circulação simbólica, tornando visíveis práticas antes restritas ao plano local e contribuindo para a formação de identidades em rede.

As plataformas digitais funcionam, no contexto do Alto Oeste Potiguar, como territórios simbólicos nos quais se articulam identidades, valores e modos de ser. Segundo Pérez, Alemán, Kalinowski e Gravano (2019), as redes sociais operam como espaços de circulação de regionalismos linguísticos, permitindo que práticas locais ganhem visibilidade e legitimidade em escala mais ampla. Essa visibilidade é particularmente significativa em regiões periféricas, onde, como observa Canclini (1990), os sujeitos historicamente marginalizados encontram na cultura digital uma oportunidade de se inserir em processos mais amplos de produção simbólica. Nesse cenário, a linguagem torna-se dinâmica, multifacetada e constantemente recriada. Como explica Santaella (2010), os ambientes digitais aceleram os processos de transformação simbólica, atualizando continuamente os códigos linguísticos. O surgimento de neologismos, memes regionais e expressões híbridas indica que o digital não apenas modifica a comunicação, mas também atua como catalisador de processos culturais preexistentes.

Essa perspectiva é reforçada por Castells (2002), que argumenta que as redes digitais não apenas conectam indivíduos, mas ampliam a circulação de sentidos coletivos, promovendo formas alternativas de reconhecimento e pertencimento. Nesse sentido, pode-se compreender que, o uso criativo da linguagem nas

plataformas configura-se como estratégia de afirmação identitária e resistência cultural no Alto Oeste Potiguar.

Pérez, Alemán, Kalinowski e Gravano (2019) observam que esse espaço simbólico é composto por sujeitos que constroem sentidos de pertencimento e transformam práticas comunicativas em estratégias de resistência e criatividade nas redes sociais. Martins (2015) demonstra, ao analisar a presença de neologismos semânticos em textos publicitários, que a criação de novas significações se apresenta como estratégia expressiva e de atualização linguística no discurso social, o que permite compreender que, no contexto do Alto Oeste Potiguar, a produção lexical em ambientes digitais também se configura como forma de afirmação identitária e resistência cultural.

Santaella (2010) destaca que essa produção se insere nas dinâmicas da cibercultura, nas quais os sujeitos se apropriam das tecnologias digitais para ressignificar símbolos e expressões, reafirmando identidades locais diante das pressões homogeneizantes. Castells (2002) reforça essa perspectiva ao afirmar que, na galáxia digital, mesmo regiões periféricas, como o caso do Alto Oeste Potiguar, podem estabelecer redes simbólicas próprias, convertendo a linguagem em instrumento de visibilidade, resistência e criação coletiva.

3.8 Conceito de impactos socioculturais

Segundo Valadares e Moura (2016), as plataformas digitais, ao mediar as interações sociais cotidianas, tornaram-se catalisadoras de inovação linguística, especialmente por potencializarem o uso criativo da língua em ambientes informais como as redes sociais. Os autores ressaltam que “a velocidade com que nos comunicamos hoje tem influenciado a linguagem empregada em ambientes virtuais de conversação, tais como chats, blogs, fóruns e, predominantemente, redes sociais” (Valadares e Moura, 2016, p. 185-186). De acordo com Timbane e Coelho (2018), no contexto do Alto Oeste Potiguar, essa inovação se expressa na criação constante de novos vocábulos, sentidos e formas discursivas, fenômeno identificado como neologismo digital, que surge da interação entre práticas sociais e estruturas linguísticas dinâmicas. Conforme apontam Balestero, Clempi e Costa (2020), essa prática lexical ultrapassa a função comunicativa e se transforma em um mecanismo ativo de criação simbólica, performando modos de vida, valores e visões de mundo

próprios da região, como se observa também em outras regiões brasileiras com forte presença em plataformas digitais.

Embora Andrade e Xavier (2022) analisem neologismos criados por grandes empresas em redes sociais, suas observações permitem compreender como a inovação lexical pode refletir estratégias de ressignificação cultural e aproximação simbólica, ainda que no âmbito institucional, a criação de novos termos, nesse contexto, revela um movimento discursivo que transcende a simples apropriação de estrangeirismos, articulando linguagem e identidade digital. Como observa Munhoz e Eckert (2021), “por meio do uso de estrangeirismos, os textos ganham um ar de atualidade e de inovação, visto que a maior parte dos neologismos empregados dialoga com a tecnologia e com os produtos do meio digital” (Munhoz e Eckert, 2021, p.474). Essa observação reforça que os empréstimos linguísticos nas redes sociais são mais do que modismos: são instrumentos de inserção cultural e tecnológica, ressignificados por usuários regionais como os do Alto Oeste Potiguar.

De acordo com Ferraz e Liska (2021), os neologismos surgem como fenômenos linguísticos diretamente ligados às experiências socioculturais dos falantes, que adaptam criativamente seu repertório para nomear acontecimentos e construir sentidos em contextos de crise, como a pandemia. Como afirmam os mesmos autores, “a renovação da língua por meio de neologismos formais está intimamente relacionada ao contexto em que se dá a comunicação” (Ferraz e Liska, 2021, p. 15), esse princípio pode ser observado também nos usos linguísticos que emergem em redes sociais no Alto Oeste Potiguar, onde as vivências, valores e modos de dizer locais influenciam fortemente a criação e circulação de novas expressões.

Segundo Timbane e Coelho (2018), as plataformas digitais não operam apenas como meios de comunicação, mas também como espaços de inovação linguística e construção simbólica, nos quais os usuários criam sentidos a partir de suas vivências sociais e culturais. Conforme Valadares e Moura (2016), as tecnologias digitais, neste contexto, são convertidas em espaços de articulação simbólica e representação territorial, pois é ali que práticas discursivas regionais encontram visibilidade e atualização. De acordo com Balestero, Clempi e Costa (2020), as criações lexicais que circulam nesses espaços reforçam essa apropriação, já que os neologismos revelam estratégias linguísticas diretamente ligadas às práticas sociais dos usuários.

Segundo Silva e Patriota (2021), os neologismos que circulam nas redes sociais surgem, muitas vezes, em produções populares e juvenis, marcados pelo humor, pela crítica social e por elementos afetivos. Essas expressões cumprem funções identitárias, comunicativas e culturais, revelando como a linguagem digital é usada para ressignificar experiências cotidianas e posicionamentos sociais. Como aponta Marcuschi (2005), os ambientes digitais promovem novas formas de produção e circulação textual, nas quais os usuários constroem sentidos a partir de práticas comunicativas situadas e interativas. Nesse contexto, segundo o autor, expressões como neologismos funcionam como sinais de pertencimento e integram ecossistemas linguísticos específicos, atualizados constantemente no interior das redes, a linguagem digital, por sua natureza dinâmica, torna-se também um espaço de disputa simbólica, onde palavras e sentidos operam como instrumentos de representação social e identitária.

Conforme Andrade e Xavier (2022), os neologismos criados por grandes empresas em redes sociais, como o Twitter, refletem estratégias comunicativas que buscam construir uma identidade de marca próxima ao público, revelando traços culturais, valores institucionais e escolhas linguísticas alinhadas ao universo digital. De acordo com Balestero, Clempi e Costa (2020), termos como “zuadão”, “influcrente”, “cancelou foi tudo” ou “soltou o véi” exemplificam como sujeitos locais elaboram discursos que dialogam com as macroestruturas da linguagem digital, mas mantendo uma marca regional irredutível, demonstrando a criatividade e a agência dos falantes no uso da língua. Segundo Timbane e Coelho (2018), essa dinâmica evidencia que os neologismos não apenas preenchem lacunas léxicas: eles tensionam normas, desmontam hegemonias discursivas e constroem novas narrativas sobre o que significa ser jovem, sertanejo, periférico e conectado.

Segundo Marcuschi (2005), a linguagem digital favorece o surgimento de novas formas textuais e expressivas, influenciadas pelas práticas sociais dos usuários. No Alto Oeste Potiguar, esse princípio se manifesta na circulação de neologismos por meio de memes, vídeos curtos e áudios, que funcionam como respostas criativas a eventos locais e como marcas identitárias compartilhadas nas redes. Como observam Valadares e Moura (2016):

A linguagem cifrada parece também se perder em meio aos usos que são feitos nas redes sociais, uma vez que as redes, comumente, são abertas, o que leva o vocábulo gírio a transitar muito mais como língua em estado de

jogo do que propriamente um código secreto (Valadares e Moura, 2016, p.185).

Conforme Balestero, Clempi e Costa (2020), nesses formatos, a linguagem é performada, e não apenas enunciada, o que potencializa seus efeitos culturais ao mobilizar recursos multimodais como som, imagem e tempo. De acordo com Timbane e Coelho (2018), a performance digital envolve corpo, voz, ritmo, imagem e enredo, conferindo aos neologismos uma dimensão estética e afetiva que reforça sua função social como marcador identitário e expressivo.

Segundo Valadares e Moura (2016), essa performatividade remete à tradição oral da cultura nordestina, onde expressões como provérbios, bordões, cantigas e trocadilhos já ocupavam lugar central na comunicação popular, criando um paralelo entre práticas analógicas e digitais de produção linguística. Conforme Andrade (2024), a digitalização de práticas culturais populares, como os memes regionais, aproxima-se do cordel visual ao incorporar elementos breves, rítmicos, acessíveis e marcados por crítica social, ampliando a circulação e a recepção dos discursos produzidos localmente nas redes sociais. Como ressaltam Ferraz e Liska (2021), os neologismos surgem como respostas linguísticas a episódios notáveis, refletindo a relação entre criatividade lexical e contexto sociocomunicativo. Embora o estudo dos autores foque nas manchetes jornalísticas, a dinâmica observada pode ser ampliada para pensar como a linguagem, especialmente em ambientes digitais, funciona também como dispositivo simbólico de posicionamento social e cultural.

Segundo Balestero, Clempi e Costa (2020), no interior do uso digital dos neologismos, observa-se o surgimento de verdadeiras “neolinguagens”, que reorganizam padrões de escrita, oralidade e significação nas redes sociais, principalmente entre usuários jovens. Conforme apontam Timbane e Coelho (2018), a variação gráfica de termos como “zuô”, “zuôh”, “zóin” ou “zamô” revela uma flexibilidade textual que é, ao mesmo tempo, estética, fonética e afetiva, constituindo um espaço de criatividade linguística que ultrapassa normas convencionais. De acordo com Valadares e Moura (2016), a variação ortográfica deliberadas opera como uma pedagogia informal, ensinando por repetição e uso aquilo que escapa à norma culta, e é, justamente por isso, potente no que diz respeito à expressividade e ao fortalecimento de vínculos simbólicos.

Conforme Andrade e Xavier (2022), essas neolinguagens digitalizadas não têm como objetivo principal a clareza informativa tradicional, mas sim marcar estilo,

estabelecer afiliação, evocar humor, desafiar convenções e posicionar os falantes dentro de um campo simbólico e comunicativo específico. Na cibercultura, como destaca Santaella (2010), os fluxos comunicativos são marcados pela fluidez, pelo hibridismo e pela constante interação entre o local e o global, o que dá origem a práticas culturais híbridas e em permanente transformação. Nesse cenário, segundo a autora, é possível observar que a linguagem passa a operar de forma dinâmica, absorvendo novos sentidos e formas expressivas que refletem a complexidade das experiências comunicativas contemporâneas.

Segundo Valadares e Moura (2016), o humor é uma das principais motivações por trás da criação de neologismos regionais no ambiente digital, pois a ludicidade linguística funciona como vetor de pertencimento e criatividade coletiva. De acordo com Timbane e Coelho (2018), a zombaria sobre situações políticas, o deboche de eventos locais, a ironia sobre personagens públicos e o exagero retórico funcionam como motores da criatividade linguística, especialmente entre os jovens usuários das redes sociais. Conforme afirmam Ferraz e Liska (2021), os neologismos surgem como respostas linguísticas criativas a eventos marcantes, revelando a capacidade da língua de se adaptar ao contexto social por meio de novos arranjos lexicais.

Segundo Balestero, Clempi e Costa (2020), esse humor regional carrega uma inteligência crítica própria, que se manifesta em expressões como “manhador de promessa” ou “fuá ao vivo”, marcando o comentário político com elementos culturais reconhecíveis pela comunidade local. De acordo com Fairclough (2001), ao empregar esse tipo de vocabulário, o sujeito populariza o comentário político, ressignifica a fala pública e introduz outras formas de avaliação social, deslocando os centros de poder simbólico. Assim, conforme defende o autor, os usos linguísticos, incluindo a criação de neologismos, podem operar como mecanismos de denúncia, de inversão de hierarquias e de revelação de contradições sociais, funcionando muito além da mera ornamentação linguística, especialmente quando inseridos em contextos de disputa simbólica.

Conforme Ferraz e Liska (2021), os neologismos que circulam nas redes sociais no Alto Oeste Potiguar reafirmam o lugar de origem dos sujeitos que os produzem, resgatando elementos culturais e identitários em suas formas de dizer. Conforme destaca Fairclough (2001), a linguagem carrega traços dos contextos sociais em que é produzida, funcionando como um marcador simbólico de pertencimento e identidade. Mesmo quando digitalizados, certos vocábulos mantêm

vínculos com territórios culturais específicos, revelando modos de falar, valores locais e experiências compartilhadas que operam como marcas linguísticas de territorialidade. De acordo com Timbane e Coelho (2018), isso caracteriza uma territorialização simbólica da linguagem, onde os usos lexicais se tornam formas de marcar a presença da região no ciberespaço, atualizando os modos de representação cultural.

Como apontam Valadares e Moura (2016), o Alto Oeste Potiguar, nesse processo, não é apenas geograficamente localizado: ele é discursivamente performado, sendo construído continuamente na linguagem. Conforme Balestero, Clempi e Costa (2020), a linguagem torna-se extensão do território e, ao mesmo tempo, sua representação simbólica, revelando um modo de habitar digitalmente o espaço. Conforme Canclini (1990), os processos culturais contemporâneos não apagam o local, mas o reorganizam em novas escalas de visibilidade e circulação, através da hibridização entre tradições regionais e dinâmicas globais, o ciberespaço funciona como um território onde o local é ressignificado, projetado e negociado continuamente.

Segundo Valadares e Moura (2016), os neologismos digitais também geram efeitos na forma como diferentes gerações interagem, criando novas dinâmicas de pertencimento e exclusão simbólica. De acordo com Timbane e Coelho (2018), há frequentemente um “choque de código” entre o vocabulário dos mais jovens, que criam e circulam novas expressões, e o repertório das gerações mais velhas, que por vezes resistem ou reinterpretam esses usos, revelando tensões sociolinguísticas no ambiente digital. Conforme destaca Fairclough (2001), a linguagem funciona como um espaço de negociação simbólica em que valores, identidades e visões de mundo são construídos, disputados e transformados, sobretudo em contextos marcados por desigualdades sociais, regionais ou geracionais.

Segundo Balestero, Clempi e Costa (2020), no entanto, esse descompasso geracional também pode gerar trocas, aprendizados e reconfigurações intersubjetivas, mostrando que a linguagem é também espaço de convivência e reconstrução coletiva. De acordo com Timbane e Coelho (2018), quando um termo criado por jovens passa a ser usado pelos mais velhos, ainda que com outras conotações, ele passa a integrar uma nova camada do repertório coletivo, ampliando as fronteiras da linguagem socialmente partilhada. Conforme afirmam Valadares e Moura (2016), isso mostra que os efeitos socioculturais dos neologismos não se

limitam à linguagem: eles reestruturam relações, ampliam repertórios e transformam as formas de convivência.

4 METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa é de natureza qualitativa, com base numa abordagem centrada na interpretação. Isso significa que ela busca compreender os sentidos sociais e culturais atribuídos aos neologismos utilizados nas interações digitais na região do Alto Oeste Potiguar. Essa abordagem permite investigar o fenômeno em sua complexidade, priorizando a compreensão dos sentidos construídos nas práticas linguísticas cotidianas, conforme discutido por Minayo (2014), ao destacar que a pesquisa qualitativa busca captar o universo de significados das ações humanas em seu contexto natural.

A pesquisa tem caráter exploratório e descritivo e delimita como recorte populacional os jovens moradores da região do Alto Oeste Potiguar, especialmente nas cidades de Pau dos Ferros, São Miguel, Alexandria, Martins e Portalegre. Este contexto caracteriza-se por práticas digitais marcadas pela forte identidade cultural regional e pela apropriação de linguagens híbridas nas plataformas digitais.

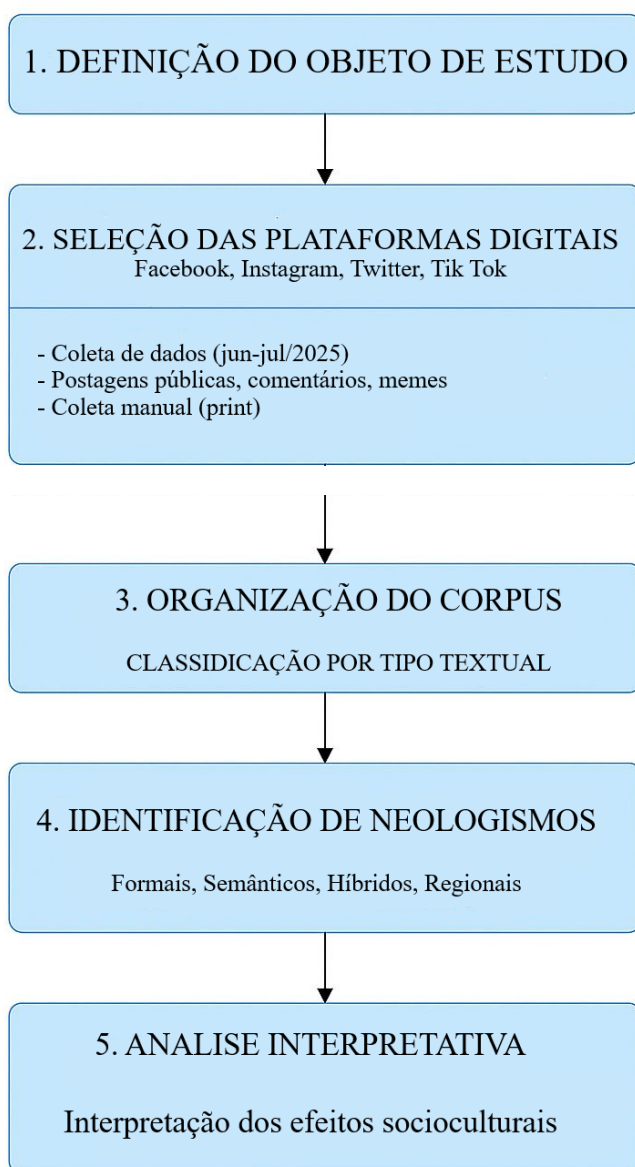
A coleta de dados foi realizada entre os meses de junho e julho de 2025, de forma manual, por meio da observação e captura de conteúdos publicados nas redes sociais. Foram coletados dados em postagens públicas, comentários e memes extraídos das plataformas Instagram, TikTok, Facebook e Twitter. O processo envolveu a captura por print de tela e organização dos dados em pastas por tipo textual, priorizando conteúdos de domínio público e respeitando os critérios éticos de pesquisa, tal como orienta Bardin (2016) ao tratar da análise de conteúdo.

Os neologismos encontrados foram classificados segundo critérios morfológicos e semânticos, conforme Krieger e Finatto (2004). Foram consideradas quatro categorias principais: (1) neologismos formais; (2) neologismos semânticos; (3) neologismos híbridos e empréstimos; e (4) expressões regionais ressemantizadas. A análise também levou em conta os campos temáticos recorrentes, como tecnologia, humor, afetividade e cultura local.

A análise dos efeitos socioculturais desses neologismos foi conduzida por meio de uma leitura interpretativa, pautada nos impactos que essas novas expressões exercem na construção de identidades linguísticas e regionais, nos processos de

pertencimento e diferenciação social, bem como nos mecanismos de inclusão e exclusão simbólica. P. Eckert (2019) observa que a linguagem é um marcador central de identidade e grupo social, sendo moldada e moldando continuamente os contextos socioculturais em que circula. A seguir, apresenta-se o fluxograma das etapas metodológicas adotadas na condução da pesquisa:

Figura 2 - Fluxograma com o passo a passo da pesquisa



Fonte: Elaboração própria (2025)

A circulação dos neologismos nas redes digitais do Alto Oeste Potiguar pode, portanto, ser interpretada como um reflexo e, ao mesmo tempo, um instrumento de transformação da cultura regional.

Por fim, todos os procedimentos metodológicos observarão as diretrizes éticas das pesquisas em ciências humanas. A utilização de dados públicos será priorizada e, nos casos em que houver necessidade de exposição de conteúdos identificáveis, será solicitado o consentimento prévio dos envolvidos. A pesquisa não visa analisar indivíduos, mas sim fenômenos linguísticos coletivos e suas implicações socioculturais, conforme defendido por Minayo (2014) e Bardin (2016).

Vale reforçar que a análise dos dados priorizou os aspectos coletivos da linguagem digital, sem identificação direta de indivíduos. A pesquisa foca nos efeitos simbólicos e identitários do uso dos neologismos em rede, em conformidade com as diretrizes da ética em pesquisa com dados públicos nas ciências humanas.

5 RESULTADOS E DISCURSÃO DE DADOS

A partir do corpus construído por meio de postagens públicas, memes, tweets e vídeos oriundos de plataformas como TikTok, Instagram, Facebook e Twitter, observam-se diversos neologismos que se consolidam como expressões características da comunicação digital no Alto Oeste Potiguar. Estes termos não apenas dinamizam a linguagem, mas também refletem traços identitários, humorísticos, afetivos e sociais específicos dessa comunidade.

A presente análise baseia-se na coleta e interpretação de neologismos presentes nas plataformas digitais utilizadas por sujeitos do Alto Oeste Potiguar. Utilizando-se de uma abordagem qualitativa interpretativista (Minayo, 2014), buscou-se compreender os sentidos sociais, culturais e identitários expressos por meio desses neologismos, sobretudo em ambientes como redes sociais

Conforme Krieger e Finatto (2004), a análise morfológica e semântica dos neologismos revela processos dinâmicos de inovação lexical que respondem às transformações sociais e culturais. P. Eckert (2019) reforça que a linguagem, como prática social, age como marcador de identidade e grupo.

Partindo dessas premissas, foram identificados e categorizados neologismos que circulam nos meios digitais regionais. Para exemplificar o uso de neologismos nas interações digitais da região estudada, apresenta-se a seguir uma postagem que ilustra a criatividade linguística presente nas redes sociais. A figura evidencia como os falantes adaptam e recriam palavras a partir de contextos cotidianos, demonstrando a vitalidade da linguagem em ambientes digitais.

Figura 3 - Imagem extraída do Instagram @escritaescarlarte, que mostra o termo “sabadar”



Fonte: Perfil @escritaescarlarte no Instagram³.

Na primeira imagem coletada, publicada no perfil @escritaescarlarte, observa-se a expressão “sabadar” que representa um neologismo formal por derivação sufixal, formado a partir do substantivo “sábado” + o sufixo verbal “-ar”, padrão produtivo na língua portuguesa. O termo não pertence à norma padrão, mas circula amplamente nas redes sociais como verbo de uso informal e afetivo, carregado de significados culturais. Nesse meme, o sujeito expressa um desejo pessoal “sabadar hoje me faria muito feliz” indicando que “sabadar” é sinônimo de curtir, sair, se divertir ou simplesmente viver o sábado com intensidade e leveza.

De acordo com Krieger e Finatto (2004), neologismos formais desse tipo surgem para atender necessidades comunicativas específicas, geralmente em contextos marcados por inovação social e cultural. Embora as autoras não tratem especificamente das redes sociais, pode-se interpretar que, nesse ambiente, há um terreno fértil para a invenção lexical, marcado pela criatividade, brevidade e performatividade. O neologismo “sabadar” exemplifica perfeitamente essa tendência, sendo usado como verbo ativo que transforma um dia da semana em ação, emoção e identidade.

Sob o ponto de vista sociocultural, esse uso carrega marcas identitárias importantes. Conforme destaca P. Eckert (2019), a linguagem funciona como um marcador central de pertencimento e estilo. No caso da postagem, a verbalização do sábado representa mais do que lazer: simboliza um modo de viver o tempo livre com

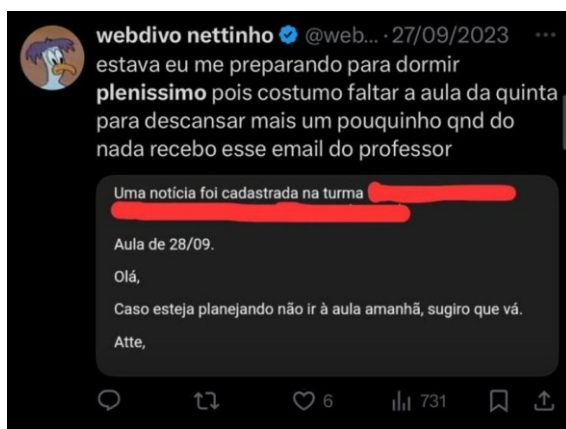
³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C6Rtlk2gnlb/?igsh=d3g4dDd5cmJvZ2o1>. Acesso em 23 de jun. 2025.

alegria e liberdade, frequentemente em oposição ao ritmo normativo e produtivista da semana.

No contexto do Alto Oeste Potiguar, o verbo “sabadar” tem sido identificado em memes, comentários e postagens regionais como uma forma de valorização do fim de semana como espaço de socialização, festa, expressão pessoal e fuga das obrigações cotidianas. Ao “sabadar”, o sujeito digital se inscreve em uma narrativa.

A seguir, apresenta-se mais um exemplo de neologismo em circulação nas redes sociais, evidenciando como os usuários exploram intensificações lexicais para marcar sentidos subjetivos e afetivos. A postagem ilustrada na figura 2 revela uma construção criativa que amplia expressivamente o significado de um adjetivo já existente.

Figura 4 - Imagem extraída do Twitter @webdivonettinho, que mostra o termo “pleníssimo”



Fonte: Perfil @webdivonettinho no Twitter⁴.

Na imagem 04, retirada do perfil @webdivonettinho, o termo “pleníssimo”, destacado na postagem, é um neologismo formado pela intensificação do adjetivo “pleno” com a adição do sufixo “-íssimo”, seguido de uso informal com carga expressiva. Ainda que “pleníssimo” exista gramaticalmente como um superlativo legítimo da norma padrão, seu uso nas redes sociais, principalmente em frases como “dormir pleníssimo”, revela uma nova função discursiva, pautada na exageração irônica, na autoafirmação e na estética do deboche.

⁴. Disponível em: <https://x.com/webdivonettinho/status/1578728850154205187?s=46>. Acesso em 25 de jun. 2025.

Nesse contexto, o adjetivo é ressemantizado. Em vez de apenas significar “totalmente satisfeito” ou “completo”, passa a indicar um estado de espírito performático: estar “pleníssimo” é estar em paz, de boa, imerso no autocuidado, muitas vezes com um quê de sarcasmo, como ocorre na postagem. Esse uso revela o que Krieger e Finatto (2004) chamam de inovação semântica, em que a palavra mantém sua forma original, mas ganha um novo sentido contextual, adaptado às práticas de comunicação digital.

Sob a ótica sociocultural, o uso de “pleníssimo” expressa uma linguagem carregada de subjetividade, típica das plataformas como Twitter e Instagram. Como observa P. Eckert (2019), a linguagem funciona como marcador de identidade e de performance social. Assim, dizer-se “pleníssimo” é também encenar uma identidade digital afetiva, irônica e autêntica, ligada a uma juventude conectada que valoriza o humor como resistência simbólica.

Esse tipo de construção, ainda que não crie uma palavra nova formalmente, opera no campo dos neologismos discursivos, caracterizados pelo uso inovador e carregado de efeitos comunicativos em ambientes digitais. O termo “pleníssimo” aparece frequentemente em memes, legendas, tuítes e comentários, adquirindo o status de um vocábulo cômico-afetivo, frequentemente mobilizado para relatar situações triviais com exagero proposital.

No contexto da comunicação digital do Alto Oeste Potiguar, esse tipo de linguagem é recorrente entre jovens estudantes que utilizam as redes para narrar suas rotinas escolares e universitárias com humor e criatividade. O exemplo analisado, portanto, contribui para o entendimento de como a linguagem nas redes ressignifica o cotidiano e projeta emoções em forma de neologismos performativos, inseridos em estruturas de narrativa curta e satírica. coletiva que reforça vínculos sociais e identitários com sua geração e seu território.

No contexto da linguagem digital voltada a temas socioeducativos, a figura a seguir exemplifica o uso do termo “gatilhos” em uma postagem de cunho informativo e sensível. A escolha lexical aponta para a apropriação de termos originalmente psicológicos em contextos populares, evidenciando um processo de ressignificação linguística em plataformas como o TikTok.

Figura 5 - Imagem extraída do TikTok @tea40391, que mostra o termo “gatilhos”



Fonte: Perfil @tea40391 no TikTok⁵.

Na imagem 05, publicada pelo perfil @tea40391 no TikTok, a palavra “gatilho”, como aparece na imagem analisada, é usada com um significado ampliado em relação ao seu uso tradicional. Originalmente, o termo se refere ao mecanismo que dispara uma arma de fogo. No entanto, nos contextos clínicos e nas redes sociais, passou a designar qualquer estímulo capaz de desencadear reações emocionais, comportamentais ou cognitivas intensas, sobretudo em indivíduos com condições neurológicas ou psicológicas específicas.

Nesse sentido, temos um caso claro de neologismo semântico, conforme definido por Krieger e Finatto (2004). A expressão “gatilho de comportamento”, como usada no conteúdo da imagem, exemplifica essa ampliação: refere-se a estímulos sensoriais, ambientais ou sociais que podem precipitar crises ou reações comportamentais em crianças no espectro autista.

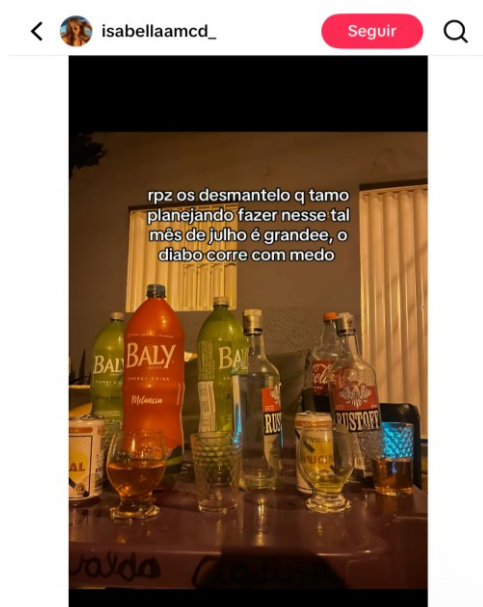
Segundo Castells (2002), a comunicação digital tem poder de reorganizar simbolicamente as relações sociais. Assim, o uso de “gatilho” fora do campo estritamente técnico representa uma reestruturação do léxico emocional coletivo, aproximando o sujeito comum dos debates sobre saúde mental. Isso é particularmente

⁵ Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMStw9atY/>. Acessado em 28 de jun. 2025.

relevante em regiões como o Alto Oeste Potiguar, onde redes sociais têm sido espaço de troca, acolhimento e aprendizado comunitário.

A continuidade da análise traz agora um exemplo de expressão típica da oralidade nordestina, cuja circulação em plataformas digitais revela sua ressignificação discursiva. A figura a seguir apresenta o uso da palavra “desmantelo” em uma postagem no TikTok, evidenciando como vocábulos regionais ganham novos sentidos e funções comunicativas no ambiente virtual.

Figura 6 - Imagem extraída do TikTok @isabellaamcd_, que mostra o termo “desmantelo”



Fonte: Perfil @isabellaamcd_ no TikTok⁶.

Na imagem 06, retirada do perfil do TikTok @isabellaamcd_, a expressão “desmantelo”, presente na postagem, é um exemplo de vocábulo regional amplamente utilizado na oralidade nordestina, sobretudo em contextos de informalidade, festa e exagero. Embora não seja um neologismo formal (pois já consta em registros dicionarizados), seu uso em ambientes digitais adquire novas funções discursivas, podendo ser tratado como um neologismo semântico e afetivo, carregado de valor identitário.

Na norma padrão, “desmantelo” poderia remeter a “bagunça” ou “desordem”. No entanto, como mostra o trecho “os desmantelo que tamo planejando fazer...”, o

⁶ Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMStT2pW2/>. Acesso em 1 de jul. 2025.

termo aqui ganha sentido ampliado: refere-se a uma sequência de festas, bebedeiras, exageros e situações caóticas, tudo isso com carga positiva e humorística. A hipérbole “o diabo corre com medo” intensifica esse efeito cômico e expressivo, típico da oralidade performática nordestina.

Segundo P. Eckert (2019), a linguagem serve como marcador de grupo e identidade social. O uso de “desmantelo” nesse contexto é uma forma de afirmação simbólica e comunitária, típica da juventude digital do Alto Oeste Potiguar, que usa os memes e vídeos como espaços para narrar a própria cultura, os próprios exageros e o orgulho regional.

Além disso, conforme Krieger e Finatto (2004), neologismos semânticos são fundamentais para compreender o modo como a linguagem responde às mudanças culturais. “Desmantelo”, nesse caso, opera como um sinal de pertencimento, mas também como um marcador de estilo de vida descontraído e alegre, em oposição a normas rígidas de comportamento. Isso transforma o termo “desmantelo” em algo mais do que uma palavra: ele se torna símbolo de um imaginário cultural nordestino digitalizado.

Como parte do repertório linguístico das redes sociais, alguns neologismos passam a representar estilos de vida e traços identitários. A figura a seguir ilustra o uso irônico da expressão “good vibes” em um meme compartilhado no Facebook, revelando a apropriação crítica e bem-humorada de termos associados à positividade excessiva no ambiente digital.

Figura 7 - Imagem extraída do Twitter @neologismo, compartilhada pela página do Facebook Misericórdia, preciso de um meme em outubro que mostra o termo “good vibes”



Fonte: Publicação original do perfil @neologismo no Twitter, compartilhada pela página do Facebook Misericórdia, preciso de um meme⁷.

⁷ Disponível em:

https://www.facebook.com/permalink.php/?story_fbid=726925121567378&id=100067921196456. Acesso em 03 de jul. 2025.

Na imagem 07 retirada da página Misericórdia, preciso de um meme no Facebook, que compartilha conteúdo originalmente publicado pelo perfil @neologismo no Twitter, a expressão “good vibes”, é um exemplo de neologismo híbrido por empréstimo linguístico, especificamente de origem inglesa, inserido no português informal das redes sociais. Embora as palavras “good” e “vibes” não sejam novas isoladamente, sua combinação e apropriação dentro da língua portuguesa adquirem novos contornos discursivos, funcionando como marca identitária, afetiva e ideológica.

Na frase “tenho cada vez menos paciência pra gente GOOD VIBES”, a construção enfatiza, com certo tom irônico, uma crítica às pessoas que mantêm um otimismo forçado ou superficial. Aqui, “good vibes” não significa apenas “boas vibrações”, mas refere-se a um tipo social que prega positividade exagerada, esvaziada de profundidade ou crítica. Trata-se, portanto, de um uso pejorativo e resignificado, que revela a potência dos neologismos híbridos na crítica social.

Conforme Krieger e Finatto (2004), neologismos híbridos são frequentes em contextos de globalização e contato entre línguas, especialmente no espaço digital. A linguagem da internet tende a incorporar termos estrangeiros que atendem a funções expressivas específicas, como é o caso aqui. A escolha por manter a expressão em inglês confere um tom estilístico próprio, reforçando uma estética digital jovem e globalizada.

Sob a perspectiva sociocultural, o uso de “good vibes” evidencia o que P. Eckert (2019) chama de performance linguística de identidade. Ao adotar esse tipo de vocabulário, o sujeito constrói uma posição no discurso, neste caso, uma postura crítica e até debochada frente à cultura da positividade artificial. Além disso, essa postura se insere em uma lógica de pertencimento a grupos digitais que compartilham não apenas a linguagem, mas valores e críticas semelhantes.

No contexto do Alto Oeste Potiguar, expressões como “good vibes”, “cringe”, “mood”, “grwm” (get ready with me), entre outras, também circulam entre jovens usuários de TikTok e Instagram. A inserção dessas expressões no português local revela uma hibridização linguística, em que o global e o regional se misturam, criando formas de comunicação que são ao mesmo tempo locais e cosmopolitas.

A figura a seguir traz um exemplo de neologismo com origem tecnológica, amplamente difundido nas interações cotidianas das redes sociais. O verbo “rotear”, extraído de um meme, representa a adaptação criativa de um termo técnico ao uso

informal, revelando como a linguagem digital incorpora elementos do universo tecnológico ao repertório popular.

Figura 8 - Imagem extraída do Instagram @martins.futt, que mostra o verbo “rotear”



Fontes: Perfil @Martins.futt no Instagram⁸.

O verbo “rotear”, presente no meme analisado da página @Martins.futt, é um exemplo típico de neologismo formal e tecnológico, derivado do substantivo “roteador” (do inglês router). Embora já bastante disseminado na fala informal, sua flexão verbal na forma “rotear” ainda não está amplamente dicionarizada, configurando-se como uma forma verbal criada espontaneamente no português brasileiro contemporâneo — principalmente no vocabulário digital cotidiano.

Na frase “vc ainda precisa que roteie internet pra vc”, o termo “rotear” significa compartilhar o sinal de internet via roteador portátil ou celular. Trata-se de um verbo informal, pragmático e funcional, criado a partir da necessidade de dar conta de uma prática digital cotidiana que não possuía um verbo específico na língua portuguesa. Assim como “printar”, “deletar” ou “streamar”, “rotear” passa a compor um conjunto de neologismos oriundos da tecnologia, incorporados pela juventude em contextos práticos e sociais.

Conforme Krieger e Finatto (2004), neologismos formais podem surgir da derivação de substantivos e adjetivos, especialmente em campos temáticos novos

⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/p/DIy-g0IPqjV/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em 05 de jul. 2025.

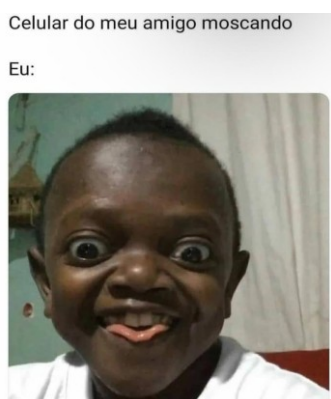
como o da tecnologia. No caso analisado, “rotear” nasce da prática de se usar um aparelho como ponte de internet para outros dispositivos, e ganha sentido preciso na linguagem digital compartilhada. O sufixo “-ear” ou “-ar” é produtivo nesse tipo de inovação verbal, como em “tuitar”, “streamar”, “linkar”, entre outros.

No plano sociocultural, o meme constrói um cenário humorístico e relacional: um amigo expõe a dependência tecnológica do outro “na frente das meninas”, gerando uma situação de constrangimento. A imagem de fundo, com a expressão facial de vergonha contida, reforça o valor afetivo e expressivo da linguagem. Como destaca P. Eckert (2019), a linguagem digital é um recurso de performance identitária, e aqui o verbo “rotear” marca o cruzamento entre tecnologia, masculinidade e status social.

No contexto do Alto Oeste Potiguar, onde o acesso à internet nem sempre é regular, a prática de “rotear” é comum entre amigos e familiares, especialmente em espaços públicos ou em festas. Isso faz com que o verbo tenha função prática, comunitária e, muitas vezes, afetiva, carregando significados que vão além da técnica: “rotear” também é ajudar, dividir, incluir.

Apresenta-se a seguir uma postagem que ilustra o uso do verbo “moscar” em contexto humorístico. A figura evidencia como a linguagem das redes sociais incorpora expressões coloquiais para representar situações de distração ou desatenção, revelando a criatividade dos usuários ao transformar comportamentos cotidianos em neologismos expressivos e compartilháveis.

Figura 9 - Imagem extraída do Facebook Resenha Cristã, que mostra o verbo “moscar”



Fonte: Página do Facebook Resenha Cristã⁹.

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/share/1CBU1b88JP/?mibextid=wwXlfr>. Acesso 10 de jul. 2025.

Na imagem 9, tirada da página do Facebook Resenha Cristã, o verbo “moscar”, em seu uso original no português, significa “agir como uma mosca”, “vaguear” ou “estar distraído”, sendo um termo geralmente pouco usado na norma culta. No entanto, nas interações digitais e na oralidade popular, especialmente entre os jovens, “moscar” passou a significar estar desatento, dar bobeira, se distrair a ponto de alguém tirar vantagem da situação.

No meme analisado, a frase “celular do meu amigo moscando” implica que o amigo deixou o aparelho desbloqueado ou desprotegido, e o narrador aproveita essa oportunidade para fazer uma brincadeira, acessar algo indevido ou pregar uma peça. Trata-se de uma narrativa humorística construída a partir da experiência coletiva, compartilhada e viralizável, típica da linguagem dos memes.

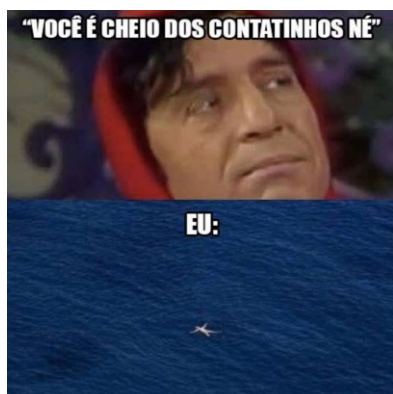
Segundo Krieger e Finatto (2004), os neologismos semânticos consistem na atribuição de novos sentidos a palavras existentes, geralmente influenciados por mudanças culturais, sociais ou tecnológicas. “Moscar” se encaixa nesse tipo de neologismo, pois mantém sua forma original, mas altera seu sentido, tornando-se uma gíria urbana carregada de intencionalidade social.

P. Eckert (2019) destaca que os usuários das redes sociais utilizam a linguagem como marcador de grupo, identidade e afiliação. Assim, empregar o verbo “moscar” nesses contextos indica pertencimento a uma comunidade discursiva jovem, conectada, brincalhona e espontânea. O humor surge do reconhecimento coletivo da situação e da expectativa de comportamento entre pares.

No contexto do Alto Oeste Potiguar, onde a oralidade regional se mistura com a linguagem da internet, gírias como “moscar” ganham força em plataformas como WhatsApp, TikTok e Facebook, sendo utilizadas para descrever não só situações cotidianas, mas também para marcar relações de proximidade, intimidade e ludicidade entre amigos.

A imagem a seguir apresenta o termo “contatinhos”, amplamente utilizado nas redes sociais para se referir, de forma descontraída, a contatos afetivo-sexuais ou flertes em potencial. Essa expressão, embora já difundida na oralidade jovem, adquire status de neologismo afetivo-digital ao ser empregada em contextos humorísticos e relacionais, revelando dinâmicas de sociabilidade contemporânea mediadas pela linguagem informal.

Figura 10 - Imagem extraída do Facebook Sincero Oficial, que mostra o termo “contatinhos”



Fonte: Página do Facebook Sincero Oficial¹⁰.

Na postagem da página do Facebook Sincero Oficial, o termo “contatinhos” representa um exemplo claro de neologismo afetivo e relacional, surgido da ampliação do sentido da palavra “contato” na era dos aplicativos de mensagens e redes sociais. Como apontam Balestero, Clempi e Costa (2020), a linguagem digital atual é permeada por termos que emergem da vida cotidiana conectada, refletindo novas práticas comunicativas e formas de se relacionar.

“Contatinhos” designa, de forma coloquial, os diversos contatos amorosos ou interesses afetivos com quem se mantém um diálogo casual ou não comprometido. A palavra surge da junção entre “contato” e o sufixo diminutivo e afetivo “-inho”, ao qual se adiciona o plural informal “-s”, conferindo-lhe um caráter lúdico, juvenil e relacional.

Como destaca Santaella (2010), a linguagem opera de forma dinâmica, frequentemente performando identidades e intenções por meio de construções irônicas e afetivas. Esse processo é evidente, por exemplo, em memes que ironizam situações amorosas ou a ausência delas, utilizando expressões populares e criativas para gerar afiliação simbólica entre os usuários. No meme em questão, o sujeito é confrontado com a suposição de ser “cheio dos contatinhos”, e a resposta visual, uma figura minúscula sozinha no oceano, representa, com humor autodepreciativo, a realidade oposta: a solidão ou a ausência de contatos afetivos.

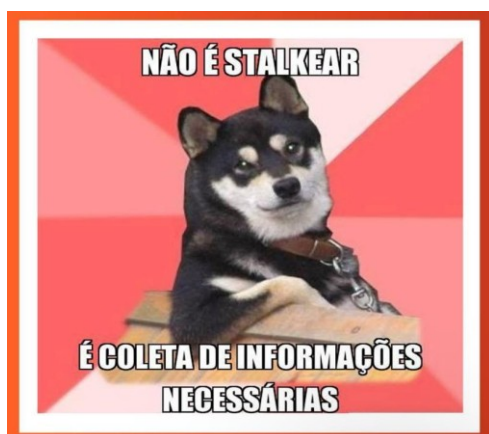
Timbane e Coelho (2018) observam que memes como esse funcionam como artefatos discursivos que condensam sentidos e tensões socioculturais em uma linguagem acessível e viralizável. A ironia e a identificação coletiva são elementos-

¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/share/1CNW8YTXXb/?mibextid=wwXlfr>. Acesso 15 de jul. 2025.

chave para sua eficácia comunicativa. No Alto Oeste Potiguar, expressões como “contatinho”, amplamente usadas entre jovens em plataformas como Facebook e Instagram, revelam como os neologismos circulam entre as esferas pública e privada, refletindo práticas culturais híbridas e conectadas.

A seguir, apresenta-se um exemplo de neologismo híbrido, oriundo da apropriação de um termo da língua inglesa adaptado à morfologia do português. A figura evidencia o uso do verbo “stalkear”, amplamente disseminado nas redes sociais, como forma de nomear, com tom cômico ou justificativo, a prática de investigar perfis e informações alheias na internet, revelando o entrelaçamento entre línguas, culturas e práticas digitais cotidianas.

Figura 11 - Imagem extraída do Facebook Dicionário Popular, que mostra o termo “stalkear”



Fonte: Página do Facebook Dicionário Popular¹¹.

O verbo “stalkear”, presente na publicação da página do Facebook Dicionário Popular, é um neologismo lexical híbrido, criado a partir da palavra inglesa stalk (perseguir, observar de forma insistente) combinada com o sufixo verbal produtivo “-ar”, característico do português brasileiro. Como destacam Krieger e Finatto (2004), esse tipo de formação lexical demonstra a vitalidade da língua em adaptar vocábulos estrangeiros a seus próprios paradigmas morfológicos e sintáticos.

¹¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/share/15Mhy85GC6/?mibextid=wwXlfr>. Acesso em 18 de jul. 2025.

A incorporação de estrangeirismos no português contemporâneo está fortemente vinculada ao contexto das tecnologias digitais e redes sociais, onde práticas como visualizar perfis, acompanhar postagens e observar comportamentos online demandam novas formas de nomeação. Embora Ferraz e Liska (2021) analisem neologismos em manchetes jornalísticas, o princípio de que o contexto sociocomunicativo motiva a criação lexical pode ser estendido ao espaço digital, onde o contato com outras línguas e culturas intensifica esse fenômeno. Nesse cenário, “stalkear” passou a designar informalmente o ato de investigar o comportamento de alguém nas redes sem interação direta, geralmente por curiosidade ou interesse afetivo.

Balestero, Clempi e Costa (2020) argumentam que os neologismos digitais operam como marcadores geracionais e identitários, funcionando não só como elementos linguísticos, mas também como performances discursivas — como é o caso neste meme, em que a ação de “stalkear” é ressignificada com humor como uma atividade “estratégica” ou “racional”, reforçando a autoironia típica das interações meméticas contemporâneas.

Esse tipo de humor performático é muito presente entre jovens do Alto Oeste Potiguar, que transitam entre códigos locais e globais, criando novos significados a partir da reconfiguração de vocábulos e práticas cotidianas. O meme não apenas representa uma forma de expressão, mas também uma forma de resistência simbólica frente aos estigmas ligados à curiosidade digital, travestida aqui de “pesquisa”.

Encerrando esta sequência de análises, a figura a seguir apresenta o termo “mozão”, expressão afetiva amplamente usada nas redes sociais para designar um parceiro ou parceira com quem se mantém um vínculo amoroso.

Figura 12 - Imagem extraída do Facebook Meu Fechamento é Vc Moção, que mostra os termos “fechamento” e “moção”



Fonte: Publicação da página do Facebook Meu Fechamento é Vc Moção¹².

Conforme apontam Krieger e Finatto (2004), os neologismos surgem como respostas linguísticas a novas demandas comunicativas. Na esfera digital, marcada por interações rápidas, públicas e emocionais, há um espaço propício para a criação de vocábulos que sintetizam afeto, humor ou cumplicidade. Moção, encontrado na página do Facebook Meu Fechamento é Vc Moção, por exemplo, deriva de uma junção afetiva entre “amor” e o sufixo “-ção”, conferindo intensidade e carinho. Já fechamento, que originalmente remete a encerramento ou fechamento físico, foi ressignificado na linguagem popular urbana para significar parceria leal e incondicional.

Essa transformação semântica está ligada a processos socioculturais que envolvem juventudes periféricas, música popular e redes sociais. Como mostram Balestero, Clempi e Costa (2020), a linguagem não apenas reflete a cultura, mas também a constitui, especialmente nos espaços digitais, onde os sujeitos constroem e compartilham formas simbólicas que ressignificam o cotidiano.

Além disso, esses neologismos revelam uma reconfiguração dos modos de expressão do afeto. Para Timbane e Coelho (2018), plataformas como Instagram, TikTok e Twitter promovem não só a circulação de novos vocábulos, mas também a performatização dos sentimentos, frequentemente marcada pelo exagero intencional,

¹² Disponível em: <https://www.facebook.com/share/1LMhDGqMaE/?mibextid=wwXlfr>. Acesso 25 de jul. 2025.

pelo humor ou pela estética do exagero amoroso. Termos como *mozão* ou *meu fechamento* funcionam como marcas públicas de vínculo, reforçando identidades relacionais diante de uma audiência digital.

Do ponto de vista sociolinguístico, Valadares e Moura (2016) argumentam que essas expressões evidenciam a vitalidade da língua portuguesa e sua abertura às inovações morfológicas e semânticas vindas das margens. Isso contribui não apenas para a renovação lexical, mas também para a valorização de práticas linguísticas de grupos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender os efeitos socioculturais dos neologismos na comunicação digital entre jovens do Alto Oeste Potiguar, a partir da análise de práticas linguísticas presentes em memes, comentários e postagens nas plataformas TikTok, Instagram, Twitter e Facebook. Adotando uma abordagem qualitativa interpretativista (Minayo, 2014; Bardin, 2016), o estudo analisou registros públicos que evidenciam o uso criativo e espontâneo da linguagem em ambientes digitais, com foco em expressões como sabadar, gatilho, dismantelo, moscar, meu fechamento, moção, entre outras. Esses neologismos não apenas inovam linguisticamente, mas condensam sentidos identitários, afetivos e culturais.

A análise revelou três dimensões principais desses usos. A primeira, identitária, mostra como os neologismos funcionam como marcadores de grupo, idade e pertencimento territorial. Expressões como sabadar e pleníssimo expressam modos específicos de ser e estar, conectando os sujeitos tanto a tendências globais quanto a referências locais. A segunda, afetiva, aponta para a reconfiguração das formas de nomear e vivenciar as relações, especialmente em um ambiente onde o afeto é exposto, estilizado e viralizado. Já a terceira, cultural e regional, destaca a apropriação de expressões da oralidade popular nordestina, como dismantelo e lote de cão, em um movimento de resistência simbólica frente à hegemonia linguística dos centros urbanos.

As plataformas digitais aparecem, nesse contexto, como ecossistemas de linguagem, nos quais o vocabulário é constantemente experimentado, legitimado e compartilhado. Os neologismos se tornam veículos de crítica, humor e expressão subjetiva, funcionando como respostas simbólicas às experiências contemporâneas de afeto, rotina, vigilância e pertencimento. Através dessas práticas linguísticas, os jovens do Alto Oeste Potiguar não apenas reproduzem tendências digitais, mas as ressignificam com criatividade, ironia e identidade. O estudo conclui que os neologismos digitais devem ser valorizados como formas legítimas de produção cultural e expressão social nas dinâmicas da linguagem conectada e que regiões interioranas, embora ignoradas em reuniões nacionais sobre linguística, estão ativas na produção e modificação da língua.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **A política**. Tradução de Marcos Antunes. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.
- ALVES, L. DA S. F.; DANTAS, J. R. DE Q.; SOUZA, G. S. Dynamic urban-regional in internal frontier territories. **Mercator**, v. 17, n. 2, p. 1–15, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4215/rm2018.e17003>. Acesso em: 15 de jul. 2025.
- ALVES, M. A. Análise de neologismos por empréstimos no português brasileiro. **Caligrama Revista de Estudos Românicos**, Belo horizonte, v. 18, n. 2, p. 31–50, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/2238-3824.18.2.31-50>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- ANDRADE, A. DE O.; XAVIER, V. R. D. Neologismos em tuítes de grandes empresas: uma análise lexicocultural. **Travessias Interativas**, São Cristóvão (SE), v. 12, n. 25, p. 12–32, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.51951/ti.v12i25.p12-32>. Acesso em 11 de jul. 2025.
- ANDRADE, M. C. S DE. **Nordestinês em página do Instagram: análise da criação de palavras e expressões utilizadas por nordestinos**. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Português) – Universidade Estadual da Paraíba, Monteiro, 2024. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/32096>. Acesso em 3 de jul. 2025.
- ARAÚJO, J. C. R. DE. O internetês não é língua portuguesa? **Revista Vida e Educação**, Fortaleza, v. 4, p. 28-29, 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/25812>. Acesso em: 25 jun. 2025.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BALESTERO, M. DE S.; CLEMPI, C. B.; COSTA, D. S. DA. Processos de formação de neologismos no Instagram. **Revista da ANPOLL**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 83–95, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18309/anp.v51i1.1230>. Acessado em: 20 de mar. 2025.
- BARBOSA, P.; PAIVA, C. Educomunicação contextualizada no semiárido brasileiro:: reflexões sobre o “produção de vídeos estudantis” e as relações cinema-escola. **Revista ComSertões**, v. 11, n. 1, p. 37–60, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.36943/comsertoes.v11i1.14473>. Acesso em 18 de jul. 2025.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. São Paulo: Edições 70, 2016. 141 p. (Coleção À Realidade Brasileira; tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro)
- BARTON, D.; LEE, C. **Language online: Investigating digital texts and practices**. London, England: Routledge, 2013.

BASÍLIO, M. **Teoria lexical**. São Paulo: Editora Ática, 1987. 94 p. (série Princípios, v. 88).

BOAS, F. **The mind of primitive man**. New York: Macmillan, 1938.

BRITO, E. M. B. M. **Neologismos nas mídias sociais**. Monografia (Especialização em Gramática da Língua Portuguesa: Reflexão e Ensino) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: [Repositório Institucional da UFMG: Neologismos nas mídias sociais](#). Acesso em: 24 de jun. 2025.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. México: Grijalbo, 1990.

CARVALHO, V. D. N. A criatividade linguística nas Redes Sociais: os processos de criação de novas palavras na internet. **Palimpsesto** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, Rio de Janeiro v. 21, n. 38, p. 114–127, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/palimpsesto.2022.62857>. Acesso em: 10 de jul. 2025.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**: volume I. 8.^a ed. revista e ampl. Trad. Roneide Venancio Majer, com colaboração de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CHYRVONYI, O. Online Language and Generational Identity: Neologisms in the Digital Era. **Grail of Science**, v. 48, 2025. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36074/grail-of-science.10.01.2025.046>. Acesso em 3 de jul. 2025.

CONCEIÇÃO, T. C. F. DA; CARNEIRO, R. N. Cultura, feira de negócios e espaço em Pau dos Ferros, RN. **Revista Geotemas**, v. 11, p. e02116, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33237/2236-255X.2021.3417>. Acesso em: 16 de jul. 2025.

CORRÊA, M. D. C.; COCCO, G. **Capitalismo de vigilância e lutas algorítmicas. Matrizes**, v. 18, n. 1, p. 105–125, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i1p105-125>. Acesso em: 27 de jun. 2025.

CRYSTAL, D. **Language and the Internet**. 2. ed. Cambridge, England: Cambridge University Press, 2006.

DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. 9. ed. Tradução de Paulo Neves; revisão técnica de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

EAGLETON, T. **Ideal of Culture**. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, K. Observatório de neologismos da língua portuguesa: da sala de aula para a pesquisa. **LínguaTec**, v. 4, n. 1, p. 1-19, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.35819/linguatec.v4.n1.a3334>. Acesso em 30 de jun. 2025..

ECKERT, P. The limits of meaning: Social indexicality, variation, and the cline of interiority. **Language**, v. 95, n. 4, p. 751–776, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/lan.2019.0072>. Acesso em 1 de jul. 2025.

EISENKRAEMER, R. R. Leitura digital e linguagem cifrada dos internautas. **Texto Digital**, Florianópolis. ano 2, n. 2, 2006. Disponível em: [Vista do Leitura digital e linguagem cifrada dos internautas](#). Acesso em 26 de jun. 2025.

EISENSTEIN, J. O'CONNOR, B.; SMITH, N. A.; XING, E. P. Diffusion of lexical change in social media. **PloS one**, v. 9, n. 11, p. e113114, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0113114>. Acesso em: 02 jul. 2025.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da UnB, 2001.

FERRAZ, A. P.; LISKA, G. J. R. Pandemia e neologia em manchetes jornalísticas: criatividade lexical em foco. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 50, n.3, p. 1047-1063, 2021. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0003-1874-7113>. Acesso em: 7 de jul. 2025.

FILHO, L.; BEZERRA, J. A.; PAIVA, L. Ú. DE S. As atividades econômicas na formação do Alto Oeste Potiguar e a inserção do terciário moderno hoje. **Revista Geográfica Acadêmica**, v. 17, n. 1, p. 75–89, 2023. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0002-7422-3018>. Acesso em: 20 jul. 2025.

FINATTO, M. J. B.; KRIEGER, M. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004, 223p.

FREITAS, F. M. DE; RODRIGUES, J. A. D. R. Letramento digital, multimodalidade e multiletramentos: desafios e caminhos possíveis para a educação. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 23, n. 52, p. 304–323, 2022. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0001-5744-8170>. Acesso em: 30 jun. 2025.

GANANÇA, J. H. Neologia e neologismos no português brasileiro. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 4, n. 1, p. 33–53, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/Lex7-v4n1a2018-2>. Acesso em: 2 de jul. 2025.

GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas: ensaios de antropologia interpretativa**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 224 p. Tradução de The Interpretation of Cultures.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

GILLESPIE, T. The Politics of “Platforms”. **New Media & Society**, v. 12, n. 3, p. 347–364, maio 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1461444809342738>. Acesso em: 2 de jul. 2025.

GONÇALVES DA SILVA, C. R.; PATRIOTA, L. M. Comunicação na era digital: as gírias das redes sociais. **Revista de Letras Juçara**, Caxias: Maranhão, v. 4, n. 02, p. 54–72, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.18817/rlj.v4i02.2270>. Acesso em: 30 mar. 2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 104 p. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva.

HISSA, D. L. A.; GOMES, E. P. M. IA e curadoria algorítmica em plataformas de mídia digital: O fim de performatividade discursiva? **Domínios de Linguagem**, v. 18, n. 1 p. 1-19, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/DLv18a2024-53>. Acesso em: 1 de jul. 2025.

HOBBS, T. **Leviatan**. Buenos Aires: Losada, 2003.

JESUS, A. M. R. DE. Princípios metodológicos para a detecção de neologismos da comunicação digital. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 243–261, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21165/el.v50i1.2961>. Acesso 4 de jul. 2025.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. 22. ed. São Paulo: Contexto, 2010. 43 p.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Baltimore, MD: University of Pennsylvania Press, 1973.

LARAIA, R. DE B. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. Ed. Rio Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001. 117p.

LEMOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs.). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 11–23.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: editora 34, 1999.

LIMA, C. H. DA R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LOCKE, J. **Segundo tratado sobre o governo civil e outros escritos: ensaio sobre a origem, os limites e os fins verdadeiros do governo civil**. Tradução de Magda Lopes e Marisa Lobo da Costa. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Introdução de J.W. Gough.

MALINOWSKI, B. **Argonauts of the western pacific**: an account of native enterprise and adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea. London: Routledge & Kegan Paul, 1944.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11–30.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Néstor García Canclini. UFRJ, 1997.

MARTINS, A. V.; DAMACENO, J. Cultura participativa de fã na internet: canais para interação e produção de fandoms. **Aturá** – Revista Pan-Amazônica de Comunicação, Palmas, v. 4, n. 2, p. 102–120, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2526-8031.2020v4n2p102>. Acesso em: 10 de jul. 2025.

MARTINS, E. F. **O estudo dos neologismos semânticos no ensino de português**: abordagem a partir de textos publicitários. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/MGSS-9XEPQR>. Acesso em: 12 de jul. 2025.

MARX, K.; ENGELS, F. **Luta, socialismo e organização**. Salvador: Laboratório de Estudos e Pesquisas Marxistas (LEMARX), Universidade Federal da Bahia, 2014.

MINAYO, M. C. DE S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 407 p.

MORAIS, E. C. G. **Aportuguesando: a inserção de neologismos por empréstimo na rede social Twitter**. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Português) - Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande: 2023. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/30561>. Acesso em: 2 de jul. 2025.

MUNHOZ, E. M. B.; ECKERT, K. Observatório de neologismos:: um estudo a partir de publicações on-line da revista mundo estranho. **Afluente**: Revista de Letras e Linguística, Bacabal, v. 8, n. 23, p. 459–475, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.18764/2525-3441v8n23.2023.38>. Acesso em 10 de jul. 2025.

PÉREZ, J. M.; ALEMÁN, D. E.; KALINOWSKI, S. N.; GRAVANO, A. Exploiting user-frequency information for mining regionalisms from social media texts. **arXiv preprint**, [s. l.], 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.48550/arXiv.1907.04492>. Acesso em: 12 jul. 2025.

POSSENTI, Sírio. A linguagem politicamente correta e a análise do discurso. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 3, n. 2, p. 123–140, dez. 1995. disponível em: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.3.2.123-140>. Acessado em: 2 de jul. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e intermediárias**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional/21579-divisao-regional-do-brasil.html>. Acesso em: 10 jul. 2025.

REAL, A. M. S. D. **Neologismos em redes sociais: um estudo sobre as comunicações digitais na educação**. Especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação Aplicadas à Educação (EaD). Santa Maria, RS: 2014. Trabalho de conclusão de curso (Especialização). Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/3100>. Acesso em: 2 de jul. 2025.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre; Sulina: 2009.

ROCHA, F. W. L.; ALVES, L. DA S. F. A microrregião de Pau dos Ferros (RN) a partir da leitura do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), entre o período de 1991, 2000 e 2010. **Revista Geotemas**, Pau dos Ferros, v. 5, n. 1, p. 03–17, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.apps.uern.br/index.php/GEOTemas/article/view/824>. Acesso em: 20 jul. 2025.

ROCHA LIMA, C. H. DA R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 48. ed. São Paulo: José Olympio, 2011

ROUSSEAU, J.-J. **Do contrato social**: Princípios do Direito Político. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Ediporo, 2017. 128p.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, L. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**, v. 10, n. 22, p. 23-32, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2003.22.3229>. Acesso em: 3 de jul. 2025.

SANTAELLA, L. Diagnóstico do contemporâneo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 38, n. 110, p. 7–18, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2024.38110.002>. Acesso em: 4 de jul. 2025.

SILVA, J. P. O. A evolução do português brasileiro em espaços digitais: características linguísticas e culturais na comunicação on-line. **Thesis Editora Científica**, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8191193>. Acesso em 27 de jun. 2025.

SILVA, M. B. **Atlas linguístico do centro-oeste potiguar**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Maria do Socorro Silva de Aragão, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8253/1/2012_tese_mbsilva.pdf. Acesso em: 28 de jun. 2025.

SIQUEIRA, K. M. DE F.; COELHO, D. M. Neologismos por empréstimo: novas paisagens lexicais nas redes sociais. **Mediação**, Pires do Rio - GO. B. v. 12, n. 1, p. 129–143, 2017. Disponível em: [neologismos por empréstimo: novas paisagens lexicais nas redes sociais | revista mediação \(issn 1980-556x\)](https://doi.org/10.15448/1980-556x.2017.12.129143). Acesso em 23 de jun. 2025.

TAYLOR, C. **As fontes do self: a construção da identidade moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

THOMPSON, J. B. Mediated interaction in the digital age. **Matrizes**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 17–44, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i3p17-44>. Acesso em 10 de jul. 2025.

TIMBANE, A. A.; COELHO, D. M. Os neologismos e a ampliação lexical nas redes sociais. **RELACult** – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade,

Foz do Iguaçu (CLAEC), v. 4, n. 1, 2018. Disponível em:
<http://dx.doi.org/10.23899/relacult.v4i1.565>. Acesso em: 11 de jul. 2025.

TRAVAGLIA, L. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no primeiro e segundo graus. São Paulo: Cortez, 2000.

VALADARES, F. B.; MOURA, M. R. DE. Internetês: neologismos gírios nas redes sociais. **Entretextos**, v. 16, n. 2, p. 179-198, 2016. Disponível em:
<https://doi.org/10.5433/1519-5392.2016v16n2p179>. Acessado em: 1 de jul. 2025.

VAN DIJCK, J. Governing platforms and societies. **Platforms e Society**, v. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/29768624241255922>. Acesso em: 5 de jul. 2025.

VIGÁRIO, M. **Loanword adaptations and european portuguese segmental phonology**. In: LLORET, M.-R.; PONS-MOLL, C. (Eds.). L'adaptació de manlleus en català i en altres llengües romàniques. Barcelona, 2021. p. 154–174. 2021. p. 154–174.

WEBER, M. **Economia e sociedade**: Fundamentos da sociologia compreensiva. v. 1. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.